



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Ciências Sociais e Humanas

**Profissionalidade docente: os desafios e
perspetivas dos professores face à monodocência
na 5^a e 6^a Classes do Ensino Primário, numa
Escola da Província do Bengo**

VERSÃO DEFINITIVA APÓS DEFESA PÚBLICA

Jeremias Lello Guimarães Correia

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Supervisão Pedagógica
(2^o Ciclo de Estudos)

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria Luísa Branco

Covilhã, julho de 2018

“Não abandones a sabedoria, e ela guardar-te-á. Ama a sabedoria, e ela proteger-te-á.”

Provérbios 4:6.

Dedicatória

Para:

Rosa Guimarães, minha esposa.

Adriel Guimarães, meu filho.

Hilário Guimarães, meu pai.

Maria Correia Boa, minha mãe.

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida, saúde e paz de espírito e por me ter concedido a graça de realizar os estudos fora do meu país.

À Professora Doutora Maria Luísa Branco, pela disponibilidade e sábia orientação. Uma excelente orientadora, uma verdadeira lapidadora de diamantes.

Aos meus pais Maria Correia Boa e Hilário Guimarães, pelo encorajamento.

À Rosa e Adriel por terem suportado a minha ausência do país por longos períodos.

Aos meus irmãos pelo encorajamento.

À Direção da Escola Superior Pedagógica do Bengo pela oportunidade e dispensa que me concedeu para a frequência dos estudos em Portugal e por todo o apoio institucional. Sinceramente, estas palavras não esgotam em nenhum sentido toda a gratidão que sinto por essa equipa diretiva.

Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo - INAGBE, Angola, pela conceção do estatuto de bolseiro, permitindo, desse modo, a minha permanência em Portugal.

Aos meus colegas do curso de Supervisão Pedagógica que me ajudaram a crescer com os seus pontos de vista.

À direção e professores da escola onde foi efetuada a recolha de dados que formam parte crucial desta investigação.

Resumo

A profissão docente caracteriza-se por um perfil identitário profissional que engloba dimensões como o conteúdo teórico-prático, os valores éticos e deontológicos e a componente da valorização e reconhecimento social. Neste trabalho, foram explorados a primeira e a última dimensões. Na primeira, o foco é direcionado para os desafios que os professores atribuem ao exercício da atividade docente em regime de monodocência, particularmente na 5ª e 6ª classes do ensino primário. Na última, reflete-se a valorização pessoal e a valorização e reconhecimento social da profissão na perspectiva dos docentes. Como é que os professores em regime de monodocência na 5ª e 6ª classes, no Ensino Primário angolano, percebem a sua identidade profissional e perspetivam a profissão, constitui o objetivo desta investigação. Para a concretização deste desiderato e com base no paradigma de investigação qualitativa, recorreu-se à entrevista de sete sujeitos que lecionam em regime de monodocência nas classes supramencionadas. No domínio da monodocência, os resultados obtidos elucidam que a maioria dos professores identificam nesse regime uma sobrecarga da atividade docente resultante do elevado número de disciplinas que têm de lecionar. Dentre estas foram identificadas como as mais complexas: Educação Física, Matemática, Educação Musical e a Educação Manual e Plástica. A complexidade reclamada é fruto de algumas insuficiências herdadas da formação inicial e, para supri-las, os professores em causa buscam apoios de outros colegas e/ou fazem formações complementares; uns poucos afirmaram que gostariam de ter apoio integral de professores especialistas de modo a auxiliá-los na lecionação dessas disciplinas, fazendo alusão ao regime de coadjuvação. Quanto à valorização pessoal e valorização e reconhecimento social, a maioria afirmou que a docência é, na verdade, uma profissão de prestígio, pois é a que contribui para a formação de outros profissionais, mas não é socialmente valorizada nem reconhecida. Isto pode claramente ser verificado na degradação do estatuto, na remuneração precária e nos constantes atropelos e desrespeito à profissão. Apesar disso, embora com algum ceticismo, perspetiva-se que venha a ser uma profissão mais valorizada, melhor remunerada e socialmente respeitada.

Palavras-chave: profissionalidade docente, identidade profissional, monodocência, formação inicial, formação contínua.

Abstract

The teaching profession is characterized by a professional identity profile that includes dimensions such as theoretical-practical content, ethical and deontological values and the component of appreciation and social recognition. In this work the first and last dimensions were explored. In the first one, the focus is the challenges that the teachers refer to the teaching activity in a regimen of monodocency, particularly in the 5th and 6th grades of primary education. The last one reflects the personal appreciation and the appreciation and social recognition of the profession in the perspective of the teachers. How teachers in the 5th and 6th grades in primary education perceive their professional identity and perspective the profession is the aim of this research. To achieve this aim and based on the qualitative research paradigm, we carried out interview to seven teachers that teach in regimen of above-mentioned grades. In the domain of monodocency, the obtained results show that most of teachers identify in this regime an overload of the teaching activity resulting from many disciplines that they must teach. In those disciplines, the following were identified as the most complex: Physical Education, Mathematics, Music Education and Manual and Plastic Education. The complexity complained of is due to some lacks in the initial training, and to overcome the lacks, teachers seek support from other colleagues and/or undertake complementary training; a few stated that it is better to have full support from specialist teachers to assist them in teaching these subjects, alluding to the auxiliary regimen. Regarding personal appreciation and social appreciation and recognition, most said that teaching is, in fact, a profession of prestige, considering that it contributes to the training of other professionals, but is not socially appreciated nor recognized. This can clearly be seen in the degradation of the statute, in the precarious remuneration and in the constant underestimation and disrespect to the profession. Despite this, although with some skepticism, the perspective is that, in the future, it becomes a more appreciated profession, better paid and socially respected.

Keywords: teacher professionalism, professional identity, monodocency, initial training, continuous training.

Lista de siglas e acrónimos

ADPP - Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo

C/PBTE - Competency/Performance-based Teacher Education

EFP - Escola de Formação de Professores

EPF - Escola de Professores do Futuro

ESP - Escola Superior Pedagógica

EMP - Escola de Magistério Primário

IES - Instituição de Ensino Superior

IMN - Instituto Médio Normal

IMNE - Instituto Médio Normal de Educação

INE - Instituto Normal de Educação

INIDE - Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação

ISCED - Instituto Superior de Ciências da Educação

LBSE - Lei de Bases do Sistema de Educação

LBSEE - Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino

MED - Ministério da Educação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Índice

Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Lista de siglas e acrónimos	viii
Introdução	1
Capítulo 1 - Enquadramento teórico	3
1.1. Profissionalidade docente	3
1.1.1. Identidade profissional docente	3
1.1.2. Problematização da profissionalidade docente	5
1.1.3. Evolução da profissionalidade docente	7
1.2. Formação de professores	9
1.2.1. Conceção	10
1.2.2. Paradigmas de formação de professores	10
1.2.3. Formação inicial de professores em Angola	12
1.2.4. Formação inicial de professores para o ensino primário angolano	16
1.2.5. O perfil do professor do ensino primário angolano	18
1.3. Monodocência	20
1.3.1. Monodocência, coadjuvação	20
1.3.2. Monodocência no quadro do sistema educativo de Angola	21
Capítulo 2 - Estudo empírico	25
2.1. Metodologia	25
2.2. Técnica de recolha de dados	26
2.3. Contexto de estudo e sujeitos participantes	26
2.4. Procedimentos	26
2.5. Tratamento de dados	27
Capítulo 3 - Resultados	28
3.1. Ser Profissional docente	28
3.2. Valorização da profissão docente	28
3.3. Apreciação do regime de monodocência	29
3.4. Desenvolvimento profissional	31
Capítulo 4 - Discussão	33
4.1. Perceção, desafios e perspetivas que os professores atribuem à profissão docente ..	33
4.2. Perceção e desafios que os docentes atribuem à monodocência	34
4.3. Disciplinas com maior grau de complexidade, na perspetiva dos docentes	34

4.4. Importância que os docentes atribuem à formação inicial e contínua	35
Considerações finais.....	36
Referências.....	38
Anexos.....	42
Anexo 1 - Guião de Entrevista	43
Anexo 2 - Transcrição das Entrevistas	45
Anexo 3 - Análise de Conteúdo das Entrevistas.....	69

Introdução

A profissão docente, ao longo da sua evolução, foi alvo de discussões relativamente à sua “legitimidade” enquanto profissão. Essas discussões têm como base a comparação com outras profissões consideradas “tradicionais” como a medicina e o direito, de acordo com a Sociologia das profissões. A Sociologia das profissões defende que uma profissão só deverá ser considerada como tal se tiver um conjunto de características que formam o seu perfil identitário, nomeadamente o alto nível de conhecimento sistemático adquirido através de processos formativos e a autonomia. Devido a constantes atos de prestação de contas e à suposta falta de autonomia no exercício profissional, a docência pode ser vista como uma semiprofissão. Contudo, resolvida a questão aquisição de conhecimento sistemático e, tendo em conta que a sala de aula é o terreno-chave onde o professor exerce a sua autonomia profissional através da operacionalização do currículo, a docência pode ser considerada uma profissão de pleno direito, com um perfil identitário próprio.

O perfil identitário da profissão docente engloba aspetos baseados em três dimensões: o conteúdo teórico-prático, isto é, o conjunto de conhecimentos e técnicas necessárias ao exercício da profissão; o conjunto de valores deontológicos e éticos; e a componente de valorização e reconhecimento social. É com base nessas dimensões que os docentes analisam e perspetivam a sua identidade enquanto profissionais.

O presente trabalho de investigação tem como objetivo compreender como é que os docentes, em regime de monodocência na 5ª e 6ª classes, percecionam a sua identidade profissional e perspetivam a profissão. Procura perceber os desafios e perspectivas dos docentes, sujeitos entrevistados, relativamente a duas dimensões do perfil identitário da profissão docente, nomeadamente o conteúdo teórico-prático e a componente da valorização e reconhecimento social. A primeira dimensão está intrinsecamente ligada aos desafios e dificuldades atribuídas à atividade docente no contexto da monodocência na 5ª e 6ª classes, no Ensino Primário angolano. A segunda dimensão está relacionada com a avaliação pessoal da profissão e a análise que os mesmos sujeitos fazem sobre o reconhecimento social e o futuro da profissão. A relevância desta investigação decorre das inferências passíveis de serem feitas, a partir dos dados recolhidos, sobre a eficácia ou ineficácia desse regime de ensino para, de certo modo, se pensar em manter, melhorar ou redefinir políticas de ensino.

Este trabalho organiza-se em quatro capítulos: no primeiro, enquadramento teórico, faz-se uma incursão na literatura através da análise de diversos pontos de vista sobre a temática em estudo no contexto global e angolano, em particular. Este capítulo aborda dois grandes subtemas: a profissionalidade docente, com destaque para a identidade profissional; formação de professores, com referência para os paradigmas inerentes à formação de professores; e monodocência.

No segundo capítulo, estudo empírico, são enunciados os objetivos geral e específicos. Apresenta-se a metodologia utilizada, a técnica de recolha de dados, o contexto de estudo e a escolha dos sujeitos, assim como os procedimentos e o tratamento dos dados que estiveram na base da pesquisa de campo.

No terceiro capítulo apresentam-se os resultados tendo em conta as categorias e subcategorias emergidas da análise de conteúdo das entrevistas, realizada mediante a leitura atenta destas.

Com base na revisão da literatura e os resultados obtidos da análise do conteúdo das entrevistas efetuadas, procede-se, no quarto capítulo, à discussão tendo em conta os objetivos previamente definidos. E, finalmente, apresentam-se as considerações finais do trabalho.

Capítulo 1 - Enquadramento teórico

1.1. Profissionalidade docente

Por profissionalidade entende-se o perfil global que uma profissão deve ter, ou seja, o conjunto de características identitárias que a distingue de outros grupos profissionais (Monteiro, 2017). Sacristán (1995) define a profissionalidade docente como “a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (p. 65). A especificidade da ação docente que Sacristán refere é reforçada pelas competências, desenvolvimento profissional, reflexividade, autorregulação, domínio genérico e específico de conteúdos, habilidades, entre outros elementos, adquiridos e demonstrados pelo docente no contexto da prática pedagógica e no âmbito da afirmação pessoal na sociedade. Para além destes elementos, “o acesso à ocupação docente, os modelos de formação inicial de professor, os modelos e tipos de formação contínua, os papéis do professor, a especialização docente, a avaliação dos professores e a carreira docente” (Formosinho & Ferreira, 2009, p. 30) fazem igualmente parte fundamental do conjunto de características da profissionalidade docente. Tanto a afirmação da especificidade da ação docente defendida por Sacristán, bem como os aspetos apresentados por Formosinho e Ferreira assumem-se como fundamentais para a compreensão da profissionalidade docente.

1.1.1. Identidade profissional docente

Dentro do perfil global de uma profissão encontra-se o conjunto de características que determinam a sua identidade. Nesta ordem de ideias, Monteiro (2017) afirma que existem três dimensões a considerar na determinação da identidade de uma profissão, particularmente da identidade da profissão docente: conteúdo teórico-prático, conteúdo deontológico e o conteúdo pessoal, que passamos a apresentar:

- Conteúdo teórico-prático: esta dimensão está ligada aos saberes relativos ao fenómeno de que se ocupa a profissão, neste caso particular, ao fenómeno da educação;
- Conteúdo deontológico: refere-se ao conjunto de valores a respeitar na relação profissional;
- Conteúdo pessoal: tem a ver com a influência que os profissionais exercem na sua relação profissional com outros indivíduos.

Segundo Monteiro (2017), o conteúdo teórico-prático, expressa a necessidade de os professores possuírem formação científica-metodológica que lhes permite apropriar-se de

saberes relativos ao fenómeno educacional, saberes relativos aos conteúdos das aprendizagens e métodos, bem como saberes relativos a quem aprende. Por sua vez, o conteúdo deontológico é fundamental, dado a profissão docente ser eminentemente ética pois lida com a formação humana. Finalmente, o conteúdo pessoal da profissão docente reflete-se, particularmente, na influência que os professores podem exercer na formação da personalidade dos alunos.

Em 1999, Nóvoa apresentou um modelo de análise do estatuto social e económico dos professores e nele incluiu alguns aspetos identitários da profissão docente. Diferentemente do que Monteiro (2017) apresenta, para além de duas dimensões, conjunto de conhecimentos e de técnicas, e valores éticos e normas deontológicas, Nóvoa incluiu um eixo estruturante. Para Nóvoa (1999), o conjunto de conhecimentos e de técnicas são fundamentais ao exercício eficaz da atividade docente. O conjunto de valores éticos e normas deontológicas não se deve limitar ao exercício interno da profissão, considerando que a identidade da profissão é indissociável das políticas educativas. Finalmente, o eixo estruturante corresponde à necessidade de reconhecimento social devido aos profissionais da docência, uma vez que lhes foi confiada a importante missão de formar indivíduos que podem vir a contribuir para a transformação da sociedade.

Na mesma senda, Alsup (2008) sustenta que a identidade profissional docente

não se trata apenas de aprender conteúdo, técnicas pedagógicas, ou estratégias de pesquisa que reflitam na prática; trata-se também de como honrar as crenças pessoais, as escolhas de vida, e experiências que têm valor e significado enquanto representa os elementos da identidade profissional que a sociedade exige. (p. 126).

Assim, essa identidade “atravessa a vida profissional desde a fase da opção pela profissão até à reforma, passando pelo tempo concreto da formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais onde a profissão se desenrola” (Moita, 1995, p. 116). Penna (1992, citada por Galindo, 2004) afirma que a identidade constitui-se “no jogo do reconhecimento, formado por dois pólos - o do auto-reconhecimento (como o sujeito se reconhece) e o do alter-reconhecimento (como é reconhecido pelos outros)” (p. 15). O jogo de reconhecimento é caracterizado por elementos endógenos e exógenos. Os elementos endógenos são constituídos por fatores de motivação pessoal, o autoconceito, a autoestima, a autorregulação, o *I - Position* - que reflete o que o indivíduo pensa de si mesmo, aquilo que é - circunscrito na teoria do *dialogical self*¹. (Santos & Gomes, 2010). Por sua vez, os elementos exógenos resultam dos fatores do meio em que o indivíduo está inserido e refletem-se nas dinâmicas sociais, no lugar que o indivíduo ocupa e nos papéis que desempenha na sociedade e tem a ver também com o

¹ Desde James a outros teóricos, várias são as abordagens sobre a perceção que o indivíduo tem de si mesmo e da perspectiva que outras pessoas têm desse indivíduo. Santos e Gomes (2010) referem que James dividiu o self em quatro partes: o self material, que abrange desde o corpo até às propriedades privadas de um indivíduo; o self social, que provém da imagem que outras pessoas têm deste indivíduo; o self espiritual, composto de suas faculdades psíquicas; e o ego puro, considerado o senso de mesmidade, a partir do qual existe o senso de continuidade da experiência consciente. (Santos & Gomes, 2010, p. 354).

Me - Position - circunscrito, igualmente, na teoria do *dialogical self* - que perspetiva aquilo que os outros pensam sobre o indivíduo e aquilo que o indivíduo pensa o que os outros pensam sobre ele. (Santos & Gomes, 2010). Em ambas as circunstâncias, endógena e exógena, está explícita a ideia de identidade pessoal e social. Nesta linha de pensamento, rebuscando o pressuposto do *I - Position* e *Me - Position* da teoria do *dialogical self*, anteriormente apresentada e, como referido por Moita (1992, citado por Galindo, 2004), “a identidade pessoal é construída pela autopercepção, enquanto a identidade social é construída pela percepção que os outros têm do sujeito” (p. 15). Portanto, as identidades pessoal e social embora vistas como características diferentes são, na verdade, indissociáveis para a caracterização do indivíduo como um único ser que possui uma única identidade.

No âmbito da profissionalidade docente, Nóvoa (1995) afirma que a “identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto” (p. 16). Na mesma linha, Silva (2011) defende que esta se constrói através de um processo de autopercepção do indivíduo e da construção de identidade profissional, que se inicia com a socialização profissional no seio do grupo a que se aderiu e pressupõe percursos diferenciados e refletidos, tendo em conta o eu pessoal e as representações sociais de cada um. Assim, a identidade profissional docente fundamenta-se, pois, na percepção que o docente tem de si mesmo, nas motivações, autonomia, formação, habilidades e competências que desenvolveu para melhor exercer as suas atividades enquanto profissional qualificado e apto para o exercício da profissão. É baseada nas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional promovidas através da formação contínua e da progressão da carreira. E, finalmente, baseia-se no reconhecimento social, no melhoramento do seu estatuto, e do destaque que se atribui ao seu papel preponderante na construção de uma sociedade fundamentada nos valores morais e na evolução da ciência.

1.1.2. Problematização da profissionalidade docente

A perspetiva clássica e sociológica das profissões sugere que uma profissão deverá ser considerada como tal a partir do momento em que adquirir o perfil global atribuído às profissões, de contrário não passa de uma ocupação (Buyruk, 2014). As características fundamentais que as profissões devem ter, na perspetiva clássica e sociológica das profissões são “o alto nível de conhecimento sistemático adquirido através da educação, bem como a organização central da profissão e a autonomia na execução da profissão” (Buyruk, 2014, p. 1710).

Na opinião de Flores (2014),

uma profissão inclui um conhecimento-base especializado (cultura técnica), uma formação específica prolongada, um compromisso para com os clientes e suas necessidades (ética de serviço), um controlo colegial (e não burocrático e externo) no que diz respeito à formação e ao

recrutamento dos seus membros (autorregulação) e ainda um controlo colegial sobre as práticas e padrões profissionais (autonomia profissional) e uma forte identidade coletiva (compromisso profissional) (p. 854).

Tendo em conta as características supramencionadas, surgiram algumas objeções relativamente a considerar-se a docência como uma profissão, questionando a sua propriedade, se comparada com profissões como medicina e direito (Buyruk, 2014; Monteiro, 2017). Entretanto, pelo facto de as características atribuídas às profissões como medicina e direito não se configurarem em vários contextos do exercício da atividade docente, mais precisamente no que diz respeito à autonomia e controlo do exercício da profissão (Buyruk, 2014; Flores, 2014; Monteiro 2017; Tello & Almeida, 2014), Buyruk (2014) afirma que “a docência é uma semi-profissão que progride em direção à profissionalização e, será profissionalizada quando adquirir as características exigidas para uma profissão” (p. 1710).

No âmbito da profissão docente, considera-se que a limitação da sua autonomia se justifica pela sua dimensão política e pelo facto de o exercício da atividade docente estar fortemente ligado ao isolamento da sala de aula que impede a construção de uma cultura comum e partilhada pelos professores (Flores, 2014; Monteiro, 2017). Uma vez considerado elemento importante no exercício profissional, o fator autonomia tem sido o foco do questionamento sobre a legitimidade da profissão docente. Esse questionamento é agravado pelas políticas resultantes da agenda neoliberal e da nova gestão pública que expõem a profissão, em vários contextos, a atos exagerados de prestação de contas (Anderson & Cohen, 2015; Anderson & Herr, 2015; Barroso, 2005; Hall & McGinity, 2015; Tello & Almeida, 2014). Contudo, alguns autores salientam o exercício da autonomia no âmbito da profissão docente. É o caso de Flores (2014) ao referir que “o uso do seu juízo discricionário na tomada de decisões na sala de aula tem sido considerado o terreno-chave no qual os professores são capazes de exercer autonomia” (p. 854). Também Freitas (1995, citado por Flores, 2014), salienta que “o currículo surge, nesse caso, como a sede da autonomia dos professores e, por conseguinte, o espaço privilegiado da (re)construção do seu profissionalismo docente” (p. 854).

Posto isto, pode-se deduzir que, resolvida a questão da autonomia, as demais características podem facilmente ser identificadas no exercício da docência que pode ser equacionado como uma verdadeira profissão, apesar da inexistência de organismos de autorregulação profissional que se encarreguem de regulamentar, acompanhar e promover o desenvolvimento dos seus membros, no caso, os professores.

Mais do que ater-se em questões subjetivas de comparação das características inerentes à ocupação, semiprofissão ou profissão, Tello e Almeida (2014) trazem uma abordagem mais pragmática em relação à profissão docente, a chamada abordagem das políticas docentes que, não se limitando ao estatuto profissional, abrange uma série de pressupostos. Se observados, os seguintes pressupostos refletem a verdadeira profissionalidade docente na visão desses autores:

Estilo, modelos e duração da formação inicial; Estilos, modelos da formação permanente ou em serviços (modos de capacitação docente); Construção da identidade docente nas comunidades regionais; Quantidade de horas de trabalho - formais e informais; Salários dos docentes; Modos em que se avalia o docente; Modos de ascensão na carreira docente; Nível de participação do docente na escola; Desenvolvimento curricular da formação docente; O lugar que ocupa o docente não nas políticas docentes especificamente, mas nas políticas educativas em geral; Nível de reconhecimento social; Formas de ingresso na carreira docente; e Modos de contratação de Trabalho. (Tello & Almeida, 2014, p. 165).

Analisadas as diferentes perspetivas sobre a profissionalidade docente, e sem descurar o sentido do estatuto profissional e autonomia aplicado às profissões clássicas, consideramos fundamental a perspetiva das políticas docentes defendida por Tello e Almeida (2014) que, de um modo mais abrangente, espelha o verdadeiro sentido da configuração da profissionalidade docente que deve ser tida em conta. Efetivamente, esta abordagem tem o mérito de não se limitar apenas a uma ou duas características da profissão, abarcando todo um conjunto de elementos que configuram as políticas educativas, do modo geral, e as políticas docentes de forma específica.

1.1.3. Evolução da profissionalidade docente

A problematização da profissionalidade docente, apresentada anteriormente, induziu-nos a efetuar uma breve incursão histórica para perceber como se concebeu a profissão e como evoluiu. Saliente-se que esta breve incursão se limita à análise que Nóvoa (1999) faz no contexto europeu a partir da segunda metade do século XVIII.

Na Europa da segunda metade do século XVIII procurou-se desenhar o perfil do professor ideal: deve ser leigo ou religioso? Deve integrar-se num corpo profissional ou agir a título individual? De que modo deve ser escolhido e nomeado? Quem deve pagar o seu trabalho? (Júlia, 1981, citada por Nóvoa, 1999). Estas questões surgiram devido ao grande controlo que a Igreja tinha sobre a escola, tendo-se posteriormente aberto o processo de estatização do ensino (Nóvoa, 1999). Sob forte domínio da Igreja no ensino, a génese da profissão docente emergiu de congregações religiosas como os jesuítas e os oratorianos. Estas elaboraram um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e valores específicos da profissão docente. (Nóvoa, 1999). O corpo de saberes e de técnicas bem como o conjunto de normas e valores elaborados tinham como finalidade a normatização da profissão no domínio da aquisição e apropriação de um conjunto de conhecimentos fundamentais e de competências da prática pedagógica, articulados com as regras deontológicas que deviam ser respeitadas na relação profissional (Nóvoa, 1999; Perrenoud, 2002; Monteiro 2017).

Do ponto de vista da evolução da profissão docente, Nóvoa (1999) estabelece 4 etapas em que a mesma sucedeu, tal como descritas a seguir:

- Exercício a tempo inteiro da atividade docente;
- Estabelecimento de um suporte legal para o exercício da atividade docente;
- Criação de instituições específicas para a formação de professores;
- Constituição de associações profissionais de professores.

Na primeira etapa, figura-se a valorização da profissão docente, passando de ocupação secundária para o exercício de atividade a tempo inteiro (Nóvoa, 1999; Alarcão, 2001). A segunda etapa reflete a elaboração de instrumentos legais de suporte à profissão. Aos professores é emitida uma licença oficial que lhes confere acreditação como profissionais de ensino (Nóvoa, 1999; Alarcão, 2001). A terceira é a etapa da criação de percursos formativos para os professores, com vista à aquisição de conhecimentos e competências para o exercício da profissão. Esses percursos foram realizados nas instituições especialmente criadas para esse fim, as chamadas escolas normais (Nóvoa, 1999; Alarcão, 2001). Na quarta etapa, constituíram-se “associações profissionais com vista à defesa do estatuto socio-profissional dos professores, geralmente pautadas por 3 eixos reivindicativos: melhoria do estatuto, controlo da profissão e definição de uma carreira” (Alarcão, 2001, p. 8).

A estas 4 etapas, Alarcão (2001) acrescenta uma 5ª, a etapa da “consciencialização, pelos professores, da especificidade do seu conhecimento profissional” (p. 8). Segundo a autora, essa etapa é fundamental para a construção da profissionalidade docente pois, é nela que os professores detêm consciência do conhecimento próprio que os distingue de outros profissionais. Com base nos 3 eixos reivindicativos do estatuto socioprofissional dos professores associados por Alarcão à quarta etapa da evolução da profissionalidade docente, retomamos a seguinte questão colocada por Monteiro (2017): “a profissão docente tem futuro?” (p. 320). A resposta à questão está subjacente à análise dos eixos que a seguir se faz.

O primeiro eixo, melhoria do estatuto, encontra-se alinhado com as políticas docentes determinadas pelos Estados que Tello e Almeida (2014) anteriormente referiram. O relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para século XXI, coordenado por Delors (1998), defende que a melhoria da qualidade de educação está sujeita à melhoria do estatuto social e as condições dos professores. Na mesma senda, o relatório *Teachers Matter* elaborado pela OCDE (2005) defende políticas que contribuam para atração, desenvolvimento e retenção de professores efetivos nas escolas, uma alusão à valorização do trabalho docente. Desses argumentos depreende-se a importância dos profissionais da docência para a construção de uma rede educativa de qualidade e a conseqüente transformação social. O segundo e terceiro eixos, controlo da profissão e definição de uma carreira, consubstanciam-se na autonomia do exercício da profissão, na existência de condições de trabalho, na progressão da carreira e na consciencialização profissional (Alarcão, 2001; Flores, 2014; Buyruk, 2014; Tello e Almeida, 2014).

Analisados os eixos apresentados por Alarcão (2001) e com base no argumento apresentado no Relatório Delors (1998), hipoteticamente existe um discurso favorável para a evolução da profissionalidade docente, discurso esse corroborado por um grande número de Estados. Porém, outros discursos, como o do paradoxo existente entre o que se diz da importância da profissão e a realidade observada (Monteiro, 2017) surgem para fundamentar o desfasamento existente entre os discursos favoráveis que se proferem e a realidade experimentada pelos profissionais da docência. Os epicentros do desfasamento encontram-se associados à desvalorização da classe, degradação ou inexistência da autonomia e controlo no exercício da atividade docente, degradação do estatuto e à falta de reconhecimento social, entre outras situações que desfavorecem a docência.

Referindo-se ao desfasamento entre os discursos e a realidade experienciada pelos profissionais da docência, Monteiro (2017) afirma que “praticamente todos os relatórios internacionais e nacionais concluem que a qualidade da profissão é o principal fator da qualidade da educação, mas a política da profissão e da educação não são, em geral, consequentes” (p. 296).

Do paradoxo apresentado, pode-se, num primeiro momento, perceber que a profissão docente é socialmente muito valorizada, na medida em que os trabalhos desenvolvidos por esses profissionais têm grande impacto a nível social e, portanto, valoriza-se o esforço que se empreende para o cumprimento de tarefas atribuídas, tal como referenciado no Relatório Delors (1998). Porém, é pouco prestigiada, na medida em que as condições de exercício da profissão docente, em diversos contextos, estão muito longe das condições das outras profissões.

Nesta breve incursão pela evolução da profissionalidade docente, determinada pelas 4 etapas propostas por Nóvoa (1999) e reforçadas por Alarcão (2001), ficou expresso o sentido organizativo da profissão, baseado, fundamentalmente, na sua normatização, e também na valorização. O sentido organizativo foi, de todo, o que melhor caminho tomou. Já a valorização foi, e continua a ser, o grande destaque nas discussões sobre a profissão, havendo uma contradição entre o que se dela espera para a transformação social e o que se nela prioriza e investe.

1.2. Formação de professores

A aquisição de identidade profissional por parte do indivíduo e a sua profissionalidade, estão, inevitavelmente ligados à sua formação. No caso da profissão docente, a formação inicial é o ponto de partida para a aquisição de habilidades, competências e capacidades reflexivas sobre a profissão, de modo que a sua identidade seja inequívoca.

1.2.1. Conceção

O primeiro passo para se conceituar a formação de professores é, sem dúvida, compreender o conceito de formação. Em primeiro lugar, de forma breve, se conceitua a formação e, posteriormente, apresenta-se o conceito de formação de professores.

Berbaum (1982, citado por Marcelo García, 1999, p. 19), referindo-se à formação, afirma que se trata de “uma ação que se destina à aquisição de saberes”. Por sua vez, Marcelo García (1999) afirma que a formação é “um fenómeno complexo” (p. 21). No âmbito da formação de professores, Yarger e Smith (1990, citados por Marcelo García, 1999, p. 23) referem que corresponde ao “contexto e processos de educação dos indivíduos para que se tornem professores eficazes ou melhores professores”. Esta conceção de formação de professores induz a uma racionalidade técnica, reduzindo o papel dos futuros professores a meros técnicos (Flores, 2017; Hall & McGinity, 2015; Nóvoa, 2002; Zeichner, 2008) de quem se espera máxima eficiência no exercício da função docente. Seguramente, não é esta a conceção na qual nos revemos.

Medina e Domínguez (1989, citados por Marcelo García, 1999, p. 23) consideram a formação de professores como “a preparação e emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-ação inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projeto educativo comum”. Esta conceção na qual nos revemos e serve de base para efeitos da presente investigação, abrange uma ampla perceção do papel do futuro professor. Não se limitando aos aspetos tecnicistas do saber-fazer, extrapola para uma compreensão mais abrangente do ser professor, o saber-agir, dando azo à reflexividade sobre a sua prática (Alarcão, 1996; Infante, Silva, & Alarcão, 1996; Mesquita, 2015) num ambiente de colaboração e inovação, e à emancipação profissional. Com base nessa conceção, esta investigação, fundamenta-se, essencialmente, na abordagem da formação inicial que se reveste de particular importância por constituir o ponto de partida para a construção do percurso da profissão docente.

1.2.2. Paradigmas de formação de professores

A formação de professores, rege-se por paradigmas (Marcelo García, 1999; Zeichner, 1983) que, de algum modo, determinam o tipo de profissional que se pretende formar para lidar com a profissão e com a sociedade. Em 1983, Zeichner, referiu que na formação de professores um paradigma “pode ser pensado como uma matriz de crenças e pressupostos sobre a natureza e objetivos da escolarização, ensino, professores e a sua formação, que dá forma às características específicas da prática na formação de professores” (p. 3).

Segundo Zeichner (1983), existem quatro paradigmas alternativos² de formação de professores. Entretanto, foram apresentadas várias traduções relativamente a esses paradigmas. Para a presente investigação consideraremos a seguinte tradução apresentada por Pacheco (1995, citado por Mesquita & Roldão, 2017):

- Paradigma tradicional;
- Paradigma comportamentalista;
- Paradigma personalista;
- Paradigma orientado para a indagação.

No paradigma tradicional, ou tradicional-artesanal, como refere Marcelo García (1999) a formação do professor, assemelha-se à aprendizagem de um ofício, em que o aluno é o aprendiz e o professor o mestre (Mesquita & Roldão, 2017). O que se pretende nesse paradigma de formação de professor é que o aluno seja fiel imitador do seu mestre, tido como o exemplo a seguir, “o bom professor, o experiente, o prático” (Alarcão & Tavares, 2003, p. 17), uma verdadeira imitação artesanal, como diriam Alarcão e Tavares (2003). Mesquita e Roldão (2017) referem que nesse paradigma,

a formação de professores era tida como um processo de aprendizagem em que o estagiário deveria saber imitar os modelos que lhe eram impostos pelo seu orientador, limitando-se a cumprir regras prescritas, não podendo alterar o que estava estipulado *a priori* para a sua formação (p. 28).

O paradigma comportamentalista baseia-se na psicologia behaviourista e, segundo o mesmo, a formação de professores “fundamenta-se no estudo científico do ensino e na existência de uma correlação direta entre a conduta do professor e a aprendizagem do aluno” (Pacheco, 1995, citado por Mesquita & Roldão, 2017, p. 28). O principal foco deste paradigma de formação de professores é o treino e desenvolvimento de competências pré-definidas e observáveis (Mesquita & Roldão, 2017). Este paradigma que emerge do *Competency/Performance-based Teacher Education* (C/PBTE) (Alarcão & Tavares, 2003; Mesquita & Roldão, 2017; Zeichner, 1983; Zeichner, 1993), defende que “o saber e as capacidades que os futuros professores têm de dominar são previamente especificados” (Zeichner, 1993, p. 39). Ao futuro professor deverão ser ensinados determinados conhecimentos, habilidades e competências necessárias (Zeichner, 1983), que serão traduzidas em objetivos operacionais da profissão (Alarcão & Tavares, 2003), uma clara alusão à racionalidade técnica do saber-fazer (Hall & McGinity, 2015; Mesquita, 2015; Zeichner, 2008).

O paradigma personalista, centra a sua abordagem na epistemologia fenomenológica e na psicologia do desenvolvimento. Segundo este paradigma, “a formação de professores é uma

² Os quatro paradigmas alternativos de formação de professores propostos por Zeichner são: Traditional-craft; Behavioristic; Personalistic e Inquiry-oriented.

forma de desenvolvimento do adulto, uma forma de tornar-se, em vez de ensinar alguém como ensinar” (Zeichner, 1983, p. 4). Diferente do paradigma tradicional ou tradicional-artesanal, neste, o orientador deve assumir um papel de facilitador de situações de comunicação, por forma a promover a transição de aluno a professor (Mesquita & Roldão, 2017). Para que essa transição seja eficiente, é importante que a metodologia a adotar na formação de professores seja a

não diretiva, sendo que a relação entre os intervenientes (aluno/formando e orientador) se deva situar ao nível da empatia, ajudando o aluno/formando a compreender-se a si próprio, a conhecer as suas emoções, a envolver-se em novas experiências e a formular os seus próprios objetivos de aprendizagem (Mesquita & Roldão, 2017, p. 31).

Contrariamente ao que se apresenta no paradigma comportamentalista, baseado no saber-fazer, nas competências estabelecidas *a priori*, uma verdadeira racionalidade técnica, no paradigma personalista, o desenvolvimento da personalidade do futuro professor assume um papel preponderante, fomentando no aluno a autodescoberta, de modo que seja capaz de refletir sobre as intenções e os objetivos da sua formação. Mais do que ensinar a alguém a ensinar, saber-fazer, desperta-se no formando a cultura reflexiva, o saber-ser (Mesquita, 2015).

No paradigma orientado para a indagação, na formação de professores dá-se prioridade ao desenvolvimento da investigação e à reflexividade sobre a prática futura (Mesquita, 2015), abrindo a possibilidade de os futuros professores questionarem as próprias crenças enquanto formandos, e, posteriormente, questionarem as práticas institucionais no contexto do exercício da profissão (Little, 1993, citado por Marcelo García, 1999). Saliente-se a indissociabilidade entre a teoria e a prática, a ação e a reflexão. Assim sendo, espera-se que o processo formativo conduza à construção ativa do conhecimento gerado na ação formativa e sistematizado pela reflexão sobre a prática futura da atividade docente (Alarcão & Tavares, 2003).

Dos paradigmas apresentados, revemo-nos no personalista e no orientado para a indagação, uma vez que promovem no futuro professor a autodescoberta, de modo que seja capaz de refletir sobre as intenções e os objetivos da sua formação. Portanto, entendemos que a formação de professores assente nos paradigmas personalista e orientado para a indagação promovem o desenvolvimento pessoal do aluno e se revestem de particular importância para a construção de uma identidade profissional que se fundamente não apenas no saber-fazer, mas no saber-ser, induzindo, desse modo, à prática-reflexiva da profissão.

1.2.3. Formação inicial de professores em Angola

A conceção dos sistemas educativos, embora tenha presente o isomorfismo de modelos mundiais, bem como o cumprimento de agendas internacionais, pressupõe adequação face ao contexto político, económico e social dos Estados. Nesta senda, os paradigmas de formação de

professores permitem a reflexão sobre a formação inicial de professores, com vista a determinar o tipo de professor que se pretende formar em função dos objetivos do sistema educativo que se desenhou.

Saído do período colonial, que consumiu séculos da sua autonomia e autoridade, Angola foi obrigada a repensar a situação da sua educação, através do delineamento de estratégias e medidas educativas em 1977, dois anos depois da independência, e que foram implementadas a partir de 1978. Segundo o *Currículo do Ensino Primário*, elaborado pelo Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento de Educação - INIDE (INIDE, 2013), as medidas apontadas baseavam-se nos seguintes princípios gerais:

- Igualdade de oportunidades no acesso e continuação dos estudos;
- Gratuitidade do ensino a todos os níveis;
- Aperfeiçoamento constante do pessoal docente.

A conceção das estratégias e medidas educativas visava a construção de um novo sistema educativo, desfasado do regime colonial, que estivesse em consonância com a nova configuração política, económica e social da Angola independente. As estratégias adotadas estiveram associadas, fundamentalmente, ao processo de construção do Estado-nação, soberano, autónomo com o perfil identitário próprio, através da expansão da escolarização de massas (Azevedo, 2007), que não existia na época colonial, uma vez que o acesso à educação era reservado a poucos. Para a materialização do desiderato ora preconizado, havia toda uma necessidade de se rever a estrutura organizativa e de funcionamento das escolas, com destaque para a construção e reconstrução de infraestruturas e, fundamentalmente, a formação de professores no sentido de responder adequadamente ao processo de expansão da escolarização.

No plano de expansão da escolarização, a formação de professores constituía parte dos elementos-chave para a sua concretização. Entretanto, de acordo com o INIDE (2013), em 1977, Angola dispunha apenas de cerca de 25 mil professores (os poucos que tinham acesso à educação) insuficientemente formados. A insuficiência de formação docente foi, em parte, resultado da segregação que se viveu durante o período colonial, quando apenas os filhos de colonos e de alguns colonizados, criteriosamente selecionados, tinham acesso à educação. Entretanto, a implementação, em 1978, das medidas educativas, traçadas em 1977, deu origem a várias ações de formação de docentes e de formadores que foram sendo levadas a cabo pelo estado angolano com vista à massificação da educação.

Segundo Zau (2005), as ações desenvolvidas para a formação de docentes despoletaram a criação da Estrutura da Formação de Professores, cujo objetivo era de assegurar o processo de lecionação nos níveis básico, médio e profissional. A Estrutura de Formação de Professores foi concebida em duas vertentes: a Formação Regular e a Formação Não-Regular. A Formação Regular era realizada nos Institutos Normais de Educação - INE (mais tarde denominados Institutos Médios Normais - IMN) que, a nível médio, formavam desde os educadores de infância aos professores para o I nível em regime de monodocência, e para o II e III níveis do Ensino de

Base, em disciplinas específicas. Por sua vez, os professores que lecionavam nos INEs (ou IMNs) eram formados pelo Instituto Superior de Ciências da Educação - ISCED.

A Formação Não-Regular comportava os Cursos de Formação Acelerada que mais tarde evoluíram para Cursos de Formação Básica Docente, os Cursos de Superação Permanente e os Cursos de Requalificação de Professores. Os Cursos de Formação Acelerada foram criados com o objetivo de formar agentes de ensino que pudessem suprir a carência docente e fazer face à massificação da educação. O requisito mínimo de frequência do curso era a habilitação literária ao nível da 4ª classe, que mais tarde se estendeu para a 6ª classe. Na realização desses cursos percebeu-se que, e de acordo com as circunstâncias, por um lado os candidatos a essa formação apresentavam insuficiências nos requisitos de acesso. Por outro, os que dela beneficiavam, continuavam a apresentar insuficiências de atitudes profissionais proativas, o que não lhes permitia desempenhar as suas funções com as competências requeridas, fruto do requisito mínimo de entrada. Contudo, as constantes insuficiências motivaram a elevação do nível académico da 6ª para a 8ª classe. A elevação do nível académico motivou a desistência de muitos candidatos. Com vista à mitigação da possível desistência, os formandos eram estimulados com um subsídio mensal, equivalente ao salário de um docente em funções do I Nível do Ensino de Base Regular, com o mesmo nível académico.

Realizados em exercício, para não criar défice de professores nas escolas e por etapas, os Cursos de Superação Permanente surgiram com o objetivo de elevar o nível académico e o profissionalismo dos docentes, a fim de colmatar insuficiências de prática pedagógica que os mesmos apresentavam. A formação contínua era realizada através dos Cursos de Requalificação de Professores. Além de se caracterizar pela superação de insuficiências dos docentes, elevava-lhes a classificação profissional ao nível de técnicos médios e, como consequência, habilitava-os a lecionar uma ou duas disciplinas no II e III níveis do Ensino de Base. Outrossim, dava-lhes acesso direto à frequência de um curso no Instituto Superior de Ciências da Educação - ISCED.

A estrutura e caracterização do sistema educativo, e consequentemente a estrutura da formação de professores, sofreram transformação com a aprovação da Lei n.º 13/01 de 31 de Dezembro, Lei de Bases do Sistema de Educação (LBSE). Esta lei, no artigo 10º, estruturava o sistema de educação em 6 subsistemas (Subsistema de educação pré-escolar; Subsistema de ensino geral; Subsistema de ensino técnico-profissional; Subsistema de formação de professores; Subsistema de educação de adultos; e Subsistema de ensino superior) e 3 níveis (Primário; Secundário; e Superior). De acordo com esta legislação, no artigo 26º, o subsistema de formação de professores tem por objetivo formar professores para a educação pré-escolar e para o ensino geral (educação regular, educação de adultos e educação especial). Esses profissionais deverão ser formados em escolas normais e nos institutos e escolas superiores de educação.

A Lei n.º 13/01, de 31 de Dezembro, foi substituída pela Lei n.º 17/16, de 7 de Outubro, Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino. No artigo 17º, a nova lei manteve a estrutura do

sistema de ensino e educação nos mesmos seis subsistemas, tendo, entretanto, alterado o número de níveis de ensino, de 3 para 4. O destaque da alteração dos níveis foi a inclusão da Educação Pré-Escolar (na legislação anterior a Educação Pré-Escolar não era considerada um nível de ensino). Na nova legislação, a formação de professores constitui-se como um “conjunto integrado e diversificado de órgãos, instituições, disposições e recursos vocacionados à preparação e habilitação de professores e demais agentes da educação para todos os subsistemas de ensino” (artigo 43.º), consubstanciada no subsistema de formação de professores, cuja estrutura organiza-se em: Ensino Secundário Pedagógico e Ensino Superior Pedagógico.

O Ensino Secundário Pedagógico visa a formação de indivíduos de modo a que adquiram e desenvolvam conhecimentos, hábitos, habilidades, capacidades e atitudes que os capacitem para o exercício da profissão docente na Educação Pré-Escolar, no Ensino Primário e no I ciclo do Ensino Secundário Regular, de Adultos e na Educação Especial. A Lei nº 17/16, de 7 de Outubro, no artigo 47º, prevê a realização do Ensino Secundário Pedagógico em Escolas de Magistério Primário (EMP). Entretanto, embora não referidas nessa legislação³, a par das EMPs, existem as Escolas de Formação de Professores (EFP), anteriormente designadas por Instituto Médio Normal de Educação (IMNE). Existem, igualmente, as Escolas de Professores do Futuro⁴ (EPF), resultantes de uma parceria entre o Ministério da Educação e a Organização Não-Governamental Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP).

As EMPs estão vocacionadas à formação de futuros professores para a Educação Pré-Escolar, bem como para o Ensino Primário (da 1ª a 6ª Classe). As EPFs, tuteladas pela Organização Não-Governamental ADPP, em parceria com o Ministério da Educação, formam professores para o Ensino Primário, preferencialmente que venham exercer funções docentes em zonas rurais. As EFPs, constituídas por cursos de duas disciplinas de especialidade, exemplo, Matemática/Física, Biologia/Química, História/Geografia, entre outras, preparam futuros professores para lecionar no I ciclo do Ensino Secundário Geral (7ª, 8ª e 9ª Classes).

O artigo 49º da Lei nº 17/16, de 7 de Outubro estabelece que o Ensino Superior Pedagógico é orientado para a formação de professores e demais agentes da educação, habilitados para o exercício da atividade docente e de apoio à docência em todos os níveis e subsistemas de ensino. A formação de professores, realizada no âmbito desse subsistema de formação de professores, é materializada pelas Instituições de Ensino Superior - IES's públicas criadas para o efeito. Essas instituições são os Institutos Superiores de Ciências da Educação - ISCED e as Escolas Superiores Pedagógicas - ESP, presentes nas diversas províncias do país. Entretanto, a par dessas instituições públicas, existem algumas privadas que oferecem cursos de formação de professores. As formações de professores oferecidas pelas instituições, tanto

³ Diferente da atual lei, a legislação anterior, no artigo 26º fazia referência a um todo de escolas normais, sem, contudo, especificar nenhuma.

⁴ As Escolas de Professores do Futuro (EPF) formam essencialmente futuros professores para o ensino primário. Como parte da política institucional, espera-se que os graduados prestem serviço docente, preferencialmente em zonas rurais.

secundárias quanto superiores, devem estar de acordo com os objetivos gerais do subsistema de formação de professores estabelecidos no artigo 44º da lei.

Saliente-se que, embora a presente investigação tenha o foco na formação de professores para o ensino primário, que a seguir fazemos referência, nesta parte falamos sucintamente da formação de professores do I ciclo do ensino secundário, bem como do ensino superior pedagógico, pelos seguintes cenários: em primeiro lugar, embora a nova lei refira que a formação de professores, no âmbito do Ensino Secundário Pedagógico, seja realizada nas Escolas de Magistério Primário, habilitando para a docência no ensino primário, a maior parte de professores que lecionam nesse nível tem a sua formação inicial em duas disciplinas de especialidade, realizada nas Escolas de Formação de Professores, vocacionadas para futuros professores do I ciclo do ensino secundário; em segundo lugar, a mesma lei refere que o Ensino Superior Pedagógico visa a formação de professores habilitados a lecionar em todos os níveis de ensino, incluindo, obviamente, o primário, mas o que se observa é que os professores formados nesse nível de formação limitam-se a lecionar no Ensino Secundário Pedagógico, isto é, formando professores. O primeiro cenário justifica-se por insuficiência de EMPs, ou seja, existem mais EFPs que EMPs e, portanto, há mais professores especialistas que generalistas. No segundo cenário, os profissionais sentem-se desprestigiados lecionar no ensino primário, alegando ser um nível consideravelmente incompatível com o seu grau de formação.

1.2.4. Formação inicial de professores para o ensino primário angolano

Tal como a formação de professores para o I ciclo do ensino secundário, a formação inicial de professores para o ensino primário insere-se no Ensino Secundário Pedagógico e é realizada em Escolas do Magistério Primário, com base no estabelecido nos artigos 47º e 48º da Lei nº 17/16 de 7 de Outubro. De acordo com o *Currículo de Formação de Professores do Ensino Primário* (Carvalho, 2011), a formação inicial de professores do ensino primário compreende 32 semanas letivas e é composta por 21 disciplinas organizadas em três vertentes de formação que visam assegurar a preparação teórico-prática do futuro professor:

- Formação geral;
- Formação específica;
- Formação profissional.

Ainda de acordo com o referido documento, a formação geral contempla as áreas de conhecimento que fazem parte do currículo do ensino primário e proporcionam ao futuro professor uma cultura mais ampla. A formação específica, de acordo com o mesmo documento, integra as ciências da educação, essenciais para o exercício da profissão docente. Por último, a vertente formação profissional visa proporcionar a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no âmbito das restantes vertentes. O enquadramento das disciplinas nas respetivas vertentes organiza-se de acordo com o seguinte plano de estudos:

Tabela 1. Plano de Estudos da Formação de Professores do Ensino Primário. Fonte: Currículo de Formação de Professores do Ensino Primário. (Carvalho, 2011, p. 19).

Disciplina	10ª Classe		11ª Classe		12ª Classe		13ª Classe		Total de tempos letivos
	1º Sem	2º Sem	1º Sem	2º Sem	1º Sem	2º Sem	1º Sem	2º Sem	
Formação geral									
Língua Portuguesa	4	4	4	4	4	3			736
Matemática	4	4	4	4	4	3			704
Física	3								96
Química	2								64
História	3	3							192
Geografia	2	3							160
Biologia	3	2							160
Língua Estrangeira	3	2	2						224
Expressões	3	3	4	4	2	2			576
Informática		3							96
Filosofia						3			96
Formação Específica									
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	3	3	2						256
Análise Sociológica da Educação e Administração e Gestão Escolar		3	3						192
Higiene e Saúde Escolar						3			96
Teoria da Educação e Desenvolvimento Curricular				3	3	2			256
Formação Pessoal, Social e Deontológica					2	2			128
Formação Profissional									
Metodologia do Ensino de:									
Língua Portuguesa				2	2	2			129
Matemática					2	2			128
Estudo do Meio/Ciências da Natureza				3	3				192
História e Geografia			3	3					192
Expressões				2	2	2			192
Prática Pedagógica e Seminários			5	5	8	8	26		1664
Prática Pedagógica e Seminários							25		800
Nº Total de Hor./Semana	30	30	30	30	30	30	26	25	
Nº de Disc./Semana	10	10	9	9	10	10	1	1	
Total Horas/Anual	1920		1920		1920		1632		

Estima-se que nas 32 semanas letivas sejam cumpridos 7.329 tempos letivos, dos quais 4.032 para o conjunto de disciplinas teóricas, que compõem as vertentes Formação Geral e Específica, e 3.297 para as metodologias de ensino e para a prática pedagógica e seminários que fazem parte da vertente Formação Profissional, perfazendo 55% e 45%, respetivamente. Neste plano de estudos, a Formação Profissional, por si, supera qualquer outra das vertentes de forma isolada, uma clara alusão à formação do futuro professor imitador, competente e habilitado a desempenhar com eficácia a profissão, conforme defendido pelos paradigmas tradicional e comportamentalista. A Formação Específica que inclui disciplinas que fomentem a reflexividade do futuro professor possui 12,6% do total das percentagens de tempos letivos. Outrossim, do plano de estudos apresentado, destacamos a disciplina «Expressões». Segundo o *Currículo de Formação de Professores do Ensino Primário*, essa disciplina engloba três áreas disciplinares: Educação Física, Educação Manual e Plástica e Educação Musical.

Apresentado o plano de estudos de formação de professores, importa, igualmente, apresentar o plano de estudos da 5ª e 6ª classes, nas quais, lecionam também os professores formados de acordo com o plano de estudos apresentado anteriormente:

Tabela 2. Plano de Estudos da 5ª e 6ª classes de acordo com o Currículo do Ensino Primário.

Disciplinas	Classes	
	5ª	6ª
Língua Portuguesa	8	8
Matemática	6	6
C. da Natureza	4	4
História	2	2
Geografia	2	2
Ed. Moral e Cívica	2	2
Ed. M. e Plástica	2	2
Ed. Musical	1	1
Educação Física	2	2
Total de tempos letivos semanal	29	29
Total de tempos letivos anual	870	870

Como foi possível verificar, o plano de estudos ora apresentado, previsto para ser realizado em 30 semanas letivas para cada uma das classes, inclui disciplinas, nomeadamente, Educação Física, Educação Musical e, Educação Manual e Plástica, com 2, 1 e 2 tempos letivos semanais, respetivamente. No plano de estudos da formação inicial de professores estas disciplinas aparecem integradas numa só. Este desfasamento, motiva a não lecionação ou lecionação desadequada dessas disciplinas por parte de professores.

1.2.5. O perfil do professor do ensino primário angolano

A preparação dos futuros professores é importante para a sua futura inserção na profissão. Essa preparação de grande abrangência, inclui a apropriação de novos saberes,

desenvolvimento de competências, a reflexão sobre a prática docente e o conhecimento de normas que regem a profissão. Nesta senda, as vertentes de formação que asseguram a preparação teórico-prática do futuro professor, bem como o plano de estudos de formação inicial apresentados anteriormente, alimentam o seguinte perfil do professor do ensino primário, à saída da formação, constante no *Currículo de Formação de Professores do Ensino Primário* (Carvalho, 2011):

- Conhecer-se e saber utilizar as suas capacidades e os seus recursos e ter consciência dos feitos da sua atuação na sala de aula e na escola;
- Conhecer a natureza fisiológica, psicológica e social da criança em idade escolar;
- Saber identificar a criança com necessidades educativas especiais e proporcionar-lhe o encaminhamento adequado aos cuidados específicos de que carece;
- Dominar os conteúdos programáticos e conhecer bem os manuais escolares, as normas, as orientações metodológicas e outros instrumentos relativos à educação e ensino nas instituições escolares;
- Possibilitar a compreensão dos fatores de natureza legal, institucional e organizacional que contextualizam as práticas educativas na escola;
- Conhecer as problemáticas mais relevantes do mundo em que vivemos, cada vez mais complexo e em rápida mudança;
- Estabelecer objetivos específicos com base nos objetivos dos programas, das condições das instituições de ensino e do meio ambiente em que estão inseridos;
- Trabalhar em colaboração com os colegas da mesma classe;
- Preparar as crianças para um enquadramento auspicioso no ensino subsequente e para uma opção vocacional consciente e compatível com a inserção social harmoniosa na comunidade;
- Adquirir experiência de ensino nas atividades docentes e educativas nas instituições escolares;
- Distinguir-se pelo elevado sentido de idoneidade moral e cívica e competência profissional, sabendo transmiti-los aos seus educandos;
- Estar motivado para uma aprendizagem permanente.

O conjunto de elementos constantes no perfil estabelecido para os futuros professores do ensino primário, são, na verdade, um conjunto de competências que estes terão de adquirir no término da formação. Nesta senda, é oportuna uma abordagem sucinta sobre competências. Na perspectiva de Arenilla, Gossot, Rolland e Roussel (2013), “ter uma competência é possuir um saber ou uma habilidade de qualidade reconhecida, num domínio definido” (p. 122). Na opinião de Roldão (2004), “existe competência (ou competências) quando, perante uma situação, se é capaz de mobilizar adequadamente diversos conhecimentos prévios, seleccioná-los e integrá-los adequadamente perante aquela situação” (p. 20). Na mesma linha de Roldão, de um jeito mais lacónico, Macedo (2002) considera que ter competência significa “saber

mobilizar recursos afectivos e cognitivos” (p. 123) para lidar com uma determinada situação de maneira adequada e eficaz.

A nossa breve visita ao conceito de competência culmina com a análise de Mesquita (2015). Para explicitar este conceito, Mesquita recorre a Guy Le Boterf, segundo o qual existem dois modelos de competência: modelo A - o do operador, e o modelo B - o do ator. No modelo A, a competência reduz-se ao saber-fazer, descritível nos termos do comportamento esperado e observável do indivíduo. No modelo B, o competente extrapola o saber-fazer e alcança o saber-agir, tomando iniciativas. Portanto, segundo esta autora, apoiada na ideia de Guy Le Boterf, “competência é a disposição de agir, de forma pertinente em relação a uma situação específica” (p. 296).

Estabelecendo, agora, uma ligação entre os paradigmas de formação de professores, o plano de estudos da formação de professor, o perfil do professor do ensino primário e os modelos de competência de Le Boterf, concluímos que a formação do futuro professor parece estar dominada pelos paradigmas tradicional e comportamentalista e no modelo A de competência profissional, por se reduzir, significativamente, a ação do futuro professor, na aquisição de um conjunto de saberes e competências que o habilitem a desempenhar eficazmente o exercício da profissão. Esta racionalidade técnica que se impõe ao futuro professor, torna-lhe num verdadeiro operador que saiba-fazer, em detrimento de verdadeiro reflexivo e ator que saiba-ser e agir, tanto no exercício da profissão, quanto no contexto social.

1.3. Monodocência

1.3.1. Monodocência, coadjuvação

A monodocência é um modelo de ensino globalizante em que um único professor assegura o processo de ensino-aprendizagem das diversas disciplinas da classe. Nesse modelo, o “professor generalista deve lidar com um número significativo de disciplinas e de áreas de conhecimento” (Perrenoud, 1993, p. 64). Este modelo, praticado tipicamente nas classes iniciais, permite que haja um maior acompanhamento dos alunos por parte dos professores e, por conseguinte, estes têm um papel preponderante na promoção do desenvolvimento de competências, habilidades e integridade emocional e social daqueles. Na visão de Formosinho (1998, p. 30), a monodocência em si “exige uma polivalência do professor demasiada ampla” tornando complexo o seu trabalho pois, “exige que o mesmo grupo de alunos trabalhe com o mesmo professor” (p. 30), ou seja, os alunos de determinada classe têm o mesmo professor que leciona todas as disciplinas, tal como acontece no ensino primário angolano.

Ao professor que trabalha em regime de monodocência, é requerida competência, habilidade e domínio das disciplinas que leciona. Portanto, para que isso seja efetivamente

uma realidade, é necessário que o mesmo tenha uma formação inicial suficientemente sólida. Acrescida à formação inicial, surge a necessidade de se proporcionar formação continuada de atualização, tendo em conta o grau de complexidade que muitas disciplinas apresentam.

Face aos grandes problemas que se evocam sobre a monodocência, resultantes da sobrecarga e intensificação do trabalho do professor, e com o intuito de os minimizar e promover a qualidade do ensino, alguns especialistas falam de modalidade de ensino coadjuvado (Leite, 2001; Pacheco, 2001; Rangel, 2001), que se caracteriza pela existência de professores especializados em diferentes disciplinas, quiçá, as mais complexas. Essa modalidade visa o auxílio ao professor generalista, pois o seu papel “é tão complexo que, se torna difícil desempenhá-lo adequadamente sem apoio” (Formosinho, 1998, p. 30) e, portanto, “exige a presença de professores com especialização nessas áreas” (p. 30).

Salienta-se, nessa perspectiva, que é importante que o professor seja generalista, polivalente, porém, que não seja o único a lidar com os alunos nas diferentes disciplinas (Rangel, 2001). A coadjuvação, como forma de colaboração e auxílio solidário (Leite, 2001; Pacheco, 2001), passa, assim, a ser uma modalidade de lecionação necessária para, de algum modo, se desenvolver um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, quer por parte dos professores que estarão enquadrados num espírito de colaboração e de trabalho em equipa, quer por parte dos alunos que beneficiarão, não só da experiência do contato com docentes diferentes, mas também da aprendizagem diferenciada.

Em função das características das disciplinas e da forma de ensinar, traduzidas nas destrezas, atitudes e domínio do conteúdo, os alunos podem ou não criar empatia com a disciplina, provavelmente pela sua complexidade, ou com o professor em si, por ser sempre o mesmo. Entretanto, a modalidade de coadjuvação do corpo docente permite que o aluno lide com diferentes, porém enriquecedoras, perspectivas e experiências de aprendizagens apresentadas pelos professores, e construa uma imagem de si, tendo em conta as várias experiências que vai colhendo dos mesmos. Portanto, a coadjuvação, além de permitir o auxílio de um professor, promove a colaboração entre professores e incentiva uma aprendizagem diferenciada e significativa do aluno.

1.3.2. Monodocência no quadro do sistema educativo de Angola

A monodocência é um regime de lecionação presente no ensino primário angolano que se estende da 1ª à 6ª classe. Na presente investigação abordamos particularmente a monodocência na 5ª e 6ª classes, considerando a complexidade de algumas disciplinas dessas classes.

A Lei nº 17/16 de 7 de Outubro, no artigo 48º, preconiza, também, a lecionação do ensino primário por parte de professores formados de acordo com o plano de estudos de formação de

professores e com o perfil de professores anteriormente apresentados. Os profissionais, com o perfil referido estão sujeitos a trabalhar em contexto de monodocência.

Rebuscando brevemente a história da educação angolana, o Ministério da Educação - MED, através do documento *Reflexões sobre a evolução do Sistema de Educação de Angola ao longo dos 35 anos de Independência*, refere que “até ao início dos anos 60, Angola tinha uma das piores situações de escolaridade a nível de África. Além das insuficiências gerais no ensino secundário e médio, a maioria da população angolana não tinha acesso ao ensino primário” (MED, 2010, p. 5). Contudo, esse quadro foi alterando no período pós-independência, mediante a adoção de medidas governamentais que permitiram o acesso de mais gente ao sistema educativo, desencadeando o processo de massificação do ensino.

No período pós-independência, a nacionalização do ensino e a sua democratização levaram à primeira explosão escolar verificada no país durante o ano letivo de 1980/81. Em relação aos últimos dados da época colonial (1972/1973), os efetivos escolares quase triplicaram no ensino primário (MED, 2010), ou seja, da adoção de medidas de reformas educativas em 1977, e implementadas em 1978, a massificação do ensino angolano foi ganhando expressão através da materialização das medidas anteriormente traçadas. A reforma de 1978 enquadra da seguinte maneira o Ensino Primário:

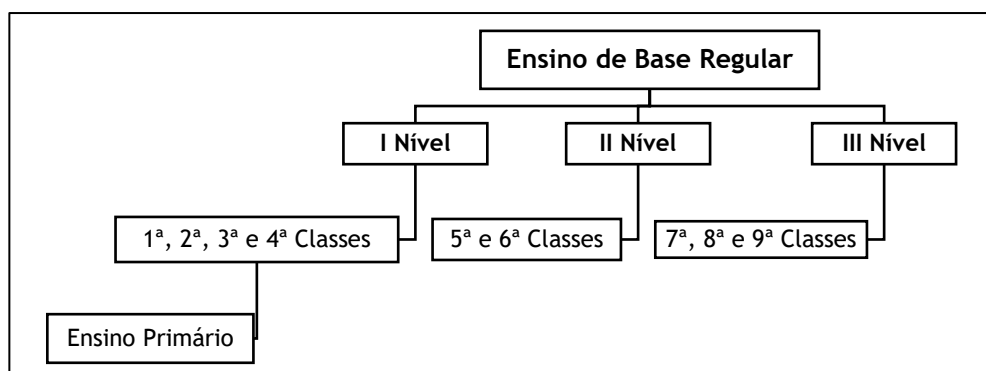


Figura 1. Organização do Ensino de Base Regular de Angola em 1978.

Como se pode perceber, o Ensino Primário era realizado em 4 anos, estendendo-se da 1ª à 4ª Classe. Nessa organização do ensino, o regime de lecionação, nessas classes, era do tipo monodocente, com um único professor a assegurar o processo de ministração de aulas em todas as disciplinas. Entretanto, a lei 13/01, de 31 de Dezembro, que deu origem à reforma educativa de 2004, no artigo 17º, unifica em seis anos o ensino primário. Esta extensão, de 4 para 6 anos, foi reforçada no artigo 27º da mais recente Lei nº 17/16, de 16 de Outubro, como podemos ver a seguir:

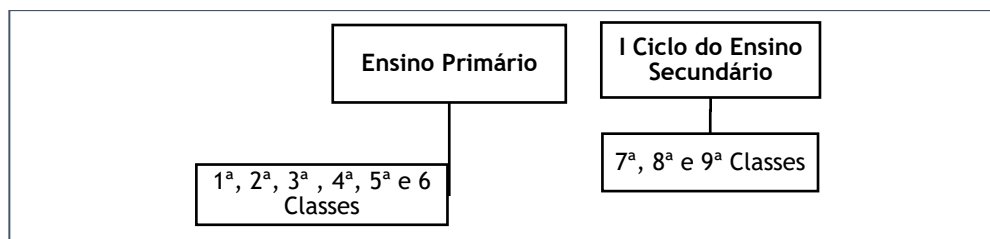


Figura 2. Organização do Ensino Primário e do I Ciclo do Ensino Secundário Angolano de acordo com a Reforma Educativa de 2004.

Embora a 2ª reforma educativa tenha tido lugar em 2004, a sua implementação foi paulatina, pelo que a extensão das classes foi tendo lugar a partir de 2006. Essa extensão cumpriu com o plano de implementação da reforma educativa. Contudo, entrou em desadequação com a atividade docente pelos factos descritos a seguir: antes da referida extensão, a 5ª e 6ª classes pertenciam ao II nível do Ensino de Base Regular cujo regime de lecionação era polidocente, ou seja, existia um professor para cada uma das disciplinas. Com a extensão do ensino primário, os professores que passaram a lecionar todas as disciplinas da 5ª e 6ª classes foram os mesmos que lecionavam até à 4ª classe, ou então os que lecionavam apenas uma disciplina nas classes seguintes. Esses professores, que se encontram no ativo, não tiveram formação específica de atualização face aos novos desafios e complexidade do regime de monodocência.

Um professor entrevistado pelo Jornal de Angola, no âmbito de uma reportagem sobre a monodocência afirmou: “quando aplicámos a reforma na minha escola, tivemos muitas dificuldades, porque muitos de nós éramos especializados em duas disciplinas nos institutos médios de educação” (Mateus & Cambala, 2012). Na mesma reportagem, o responsável da Associação dos Professores Angolanos reconheceu que “há professores com dificuldades para leccionar todas as disciplinas da 5ª a 6ª classe” (Mateus & Cambala, 2012).

As maiores dificuldades centram-se, essencialmente, em disciplinas como a Matemática, a Educação Manual e Plástica e a Educação Musical, porém, esquece-se, na maior parte das vezes, senão mesmo sempre, a disciplina de Educação Física que, por deficiência de formação inicial, muitos professores simplesmente não lecionam. Os professores que se predispõem a fazê-lo, fazem-no de forma empírica sem formação sólida na área.

Atualmente, e face ao exposto, a inclusão da 5ª e 6ª classes no regime monodocente de lecionação não parece ser compatível com a atual formação inicial de professores para o ensino primário, pois a maioria de professores que leciona nesse regime é formado em Escolas de Formação de Professores, contemplando apenas duas disciplinas de especialidade. Outrossim, os poucos formados nas Escolas de Magistério Primário lidam com o desfasamento já referido entre o seu plano de estudos e o plano de estudos daquelas classes. Contudo, é sabido que o fundamento basilar da qualidade de um sistema educativo está também assente na qualidade das aprendizagens dos alunos que saem preparados da educação primária e transportados para

os níveis subsequentes. Para o efeito, a promoção de formações contínuas de superação das insuficiências herdadas da formação inicial, por parte de alguns docentes, torna-se fundamental, a fim de se melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos e, conseqüentemente, a qualidade do sistema educativo em si.

No que se refere à formação contínua sugerida acima, o número 3, do artigo 47º, da Lei nº 17/16, de 16 de Outubro estabelece que “a formação contínua de professores é assegurada predominantemente por Centros de Formação de Professores ou por outras instituições de ensino, autorizadas para o efeito”. Atualmente, as ações de formação contínua são realizadas no início de cada ano letivo, em forma de seminários de capacitação docente. Esses seminários têm o objetivo de capacitar os docentes em questões relacionadas com a prática docente. Porém, não têm proporcionado grandes mudanças ou não têm tido grande impacto em contexto de melhoria da atividade docente pelo facto de neles apenas se promoverem aspetos ligados às metodologias de ensino, em detrimento da superação de insuficiências resultantes das fragilidades da formação inicial que, de modo geral, abarca 45% de metodologias e práticas pedagógicas. Dito noutros termos, nesses seminários, é ensinado aos professores o modo como se ensina, ao invés de aprofundarem o que ensinar com vista a vencerem os desafios que lhes são impostos pela monodocência. Desse modo, os paradigmas tradicional e comportamentalista e o modelo de competências do tipo operador, assentes no saber-fazer e na racionalidade técnica, continuam expressivos, inclusive na formação contínua. Não pretendemos, com isto, valorizar os conteúdos em detrimento das metodologias de ensino, pelo contrário, pretendemos que haja uma justa articulação entre ambos os elementos.

Capítulo 2 - Estudo empírico

A revisão da literatura aponta que o conteúdo identitário da profissão docente engloba todo um conjunto de elementos característicos, nomeadamente, a formação inicial e contínua, os valores éticos e normas deontológicas, as formas de acesso e progressão na profissão. Acresce-se, também, as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, o melhoramento do estatuto social e económico e o reconhecimento social do seu papel construtor de uma sociedade alicerçada nos valores morais e na evolução da ciência. O conjunto de elementos apresentados, articulados com a perceção que o docente tem de si mesmo, das suas motivações, da autonomia, das habilidades e competências que desenvolveu para melhor exercer as suas atividades enquanto profissional qualificado e apto para o exercício da profissão, parecem constituir elementos fundamentais que determinam a identidade profissional do docente. Por outro lado, no contexto do exercício da atividade profissional, a monodocência possui características particulares suscetíveis de interferir com as conceções de profissionalidade docente.

A presente investigação tem, pois, como objetivo geral compreender como é que os docentes, em regime de monodocência na 5ª e 6ª classes, percecionam a sua identidade profissional e perspetivam a profissão.

São objetivos específicos da presente investigação os seguintes:

- Recolher a perceção, desafios e perspectivas que os professores da 5ª e 6ª Classes atribuem à profissão docente;
- Identificar a perceção e desafios que os docentes possuem sobre a monodocência;
- Determinar as disciplinas com maior grau de complexidade, na perspetiva dos docentes;
- Captar a perceção e importância que os docentes atribuem à formação inicial e contínua.

2.1. Metodologia

Para a condução da presente investigação, optou-se pelo paradigma qualitativo pois “inspira-se numa epistemologia subjetiva que valoriza o papel do investigador/construtor do conhecimento” (Coutinho, 2016, p. 17), na medida em que essa “abordagem interpretativa/qualitativa das questões educativas procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos para saber como interpretam as diversas situações e que significado têm para eles” (Coutinho, 2016, p. 18). No contexto desta investigação, permitiu o estabelecimento de contato direto com os sujeitos participantes, no caso, os professores da 5ª e 6ª Classes, com o objetivo

de perceber como é que os mesmos, que lecionam em regime de monodocência, perspetivam a sua identidade profissional e como avaliam a docência nesse regime.

2.2. Técnica de recolha de dados

A técnica selecionada de recolha de dados foi a entrevista semiestruturada, que permite ao respondente expressar-se com liberdade dentro do tema e dos objetivos propostos, a fim de se conseguir captar informação relevante (Amado & Ferreira, 2014). Com base nisso, foi produzido um guião de entrevista semiestruturada em torno dos seguintes tópicos: profissionalidade docente, monodocência e formação inicial e contínua.

2.3. Contexto de estudo e sujeitos participantes

O estudo foi desenvolvido numa Escola do Ensino Primário e do I Ciclo do Ensino Secundário, localizada na zona urbana da Província do Bengo, Angola. Tem uma população estudantil de, aproximadamente, 1.500 alunos, distribuídos em três turnos: manhã, tarde e pós-laboral; a atividade docente é assegurada por um total de 50 professores distribuídos da 1ª Classe do Ensino Primário à 9ª Classe do I Ciclo do Ensino Secundário. A escola, escolhida por conveniência, possui características típicas de uma escola do ensino primário no contexto angolano.

O grupo de sujeitos participantes é constituído pela totalidade de 7 professores da 5ª e 6ª Classes da referida escola, que lecionam em regime de monodocência e cujas habilitações literárias se inserem no intervalo da conclusão da 12ª classe à frequência do ensino superior. Os referidos professores foram selecionados especificamente com o objetivo de recolher dados relativamente a perceção de como é que, trabalhando em regime de monodocência, perspetivam a sua identidade profissional. Foram escolhidas a 5ª e 6ª Classes pela complexidade inerente à lecionação em regime de monodocência nestes anos de escolaridade.

2.4. Procedimentos

Para a recolha de dados, foi, num primeiro momento, endereçada uma carta à direção da escola em causa, solicitando autorização de realização das entrevistas. A resposta da direção foi favorável. Num segundo momento, os professores foram, individualmente, contactados a fim de perceber a sua disponibilidade para marcação da entrevista. Porém, dado o momento em que o país se encontrava (vésperas de eleições), os trabalhos nas escolas eram intensos e os docentes não tinham muito tempo disponível, pelo que as entrevistas foram conduzidas durante os intervalos das aulas. Antes do início da entrevista, a cada entrevistado foi feita a legitimação

da mesma, através da apresentação dos objetivos da investigação, bem como a garantia da confidencialidade da informação prestada por este. Foi solicitada permissão para gravação das entrevistas, que foi concedida pelos entrevistados. As entrevistas, transcritas na íntegra, tiveram uma duração média de 18 minutos, sendo que a mais curta foi de 14 minutos e 36 segundos e a mais longa, de 23 minutos e 41 segundos.

2.5. Tratamento de dados

O tratamento dos dados foi feito com recurso à análise de conteúdo, que consiste no “conjunto de técnicas que permitem analisar de forma sistemática um corpo de material textual” (Coutinho, 2016, p. 217). Neste caso particular, após uma leitura atenta das entrevistas, foi alcançada uma grelha de categorias e subcategorias, que emergiu do confronto e comparação das diferentes narrativas (Amado & Ferreira, 2014), através de um processo combinado de análise dedutiva e indutiva.

Tabela 3. Grelha de categorização

Categorias	Subcategorias
Ser Profissional Docente	Identidade Profissional
	Vivência da Profissão
Valorização da Profissão Docente	Valorização Pessoal
	Valorização Social
Apreciação do Regime de Monodocência	Desafios
	Dificuldades
	Coadjuvação
Desenvolvimento Profissional	Importância da Formação Inicial
	Insuficiências/Desadequação da Formação Inicial
	Importância da Formação Contínua
	Apoio de Outros Colegas

Capítulo 3 - Resultados

No presente capítulo apresentamos os resultados da análise de conteúdo das entrevistas. Os resultados são apresentados tendo em conta as categorias e subcategorias definidas anteriormente.

3.1. Ser Profissional docente

Relativamente à *Identidade Profissional*, a maioria dos sujeitos considera que o profissional docente é aquele que contribui para o desenvolvimento dos outros, é o caso do SE5-3, para quem “ser profissional da docência é ter o privilégio de formar os outros profissionais”, opinião corroborada pelo SE6-1 que, ao referir-se ao docente conclui “(...) ser alguém importante que contribui para a formação humana”. Partilha também da mesma posição e com grande entusiasmo, o SE5-1, para quem, “ser profissional da docência é ensinar e ajudar na educação de outros, de forma orgulhosa”. Indo um pouco mais longe, SE6-2 opina que o profissional docente “é... nada menos, nada mais do que um edificador da nação... edificador, porque a edificação de uma nação é feita com homens bem formados”.

Quanto à *Vivência da Profissão*, a maioria dos sujeitos realça o empenho pessoal no exercício da atividade docente. Caso do SE6-2, ao referir que “(...) faço este trabalho com muito carinho, amor e com um desempenho particular...”, e SE5-1, quando diz que “(...) cada ano que passa aperfeiço as minhas práticas”, ou do sujeito SE6-3 ao afirmar, “(...) tenho conseguido manter focada a atenção dos estudantes naquilo que tenho transmitido”. Outros sujeitos, como é o caso do SE5-2, para quem, “(...) ajudo os alunos a atingirem os objetivos educativos e os resultados são positivos” ou do SE6-1, que refere “cumpro com as minhas obrigações laborais”, para além do empenho pessoal, realçam, também, o alcance dos objetivos profissionais.

3.2. Valorização da profissão docente

No que concerne à *Valorização Pessoal*, a maioria dos sujeitos enobrece a profissão. Assim, na opinião de um dos sujeitos, a docência é uma profissão que ajuda o indivíduo a ter uma “mente aberta e a expandir o horizonte de conhecimentos” (SE5-2). É também considerada a mais privilegiada e importante entre as demais profissões da função pública pelo facto de ser a que permite a formação de todos os profissionais. Esta opinião é partilhada pelo SE6-1, para quem, a docência “é a profissão mais importante da função pública porque é a que permite a formação de todos os demais profissionais de outros ramos...”. Contudo, para o SE6-4, a

profissão docente não pode ser considerada a mais privilegiada entre as demais, pois cada uma possui a sua importância para o desenvolvimento da sociedade, referindo que “é como uma qualquer, até porque todas as profissões são fundamentais”.

Se pessoalmente, como vimos na subcategoria anterior, a maioria caracteriza a profissão docente como profissão de prestígio, a opinião é contrária quando refletem sobre a sua *Valorização Social*. Para todos, a profissão carece de atenção, valorização e respeito social e de boa remuneração. É o caso do SE5-3, para quem, “infelizmente, no nosso país, é uma profissão pouco valorizada e pouco remunerada”, opinião corroborada pelo SE6-1, ao afirmar, “(...) não temos um bom salário e parece que não temos valor”. Outros sujeitos vão, inclusive, mais longe, chegando a considerar a existência de um suposto abandono social da profissão pois, segundo os mesmos, “esta profissão tem sido ignorada e negligenciada” (SE5-2), portanto, “é uma espécie de profissão de segundo grau”, conclui o SE5-3.

A par da opinião de que se trata de uma profissão pouco valorizada, socialmente pouco respeitada e mal remunerada, a maioria dos sujeitos expressa o desejo de que se torne uma profissão com maior reconhecimento social e regalias. Caso de SE6-3 que refere “espero que seja uma profissão respeitada e bem remunerada”, opinião igualmente partilhada pelo SE6-1 ao afirmar, “(...) gostaria que fosse mais valorizada, principalmente na questão da remuneração e no respeito do professor”. Por sua vez, o SE5-2 espera “(...) que no futuro haja mais professores melhor formados e que o governo olhasse para o bem-estar dos profissionais, que tenham mais regalias”, com isso, exorta-se também “que se aposte mais na formação e na valorização dos profissionais da docência” (SE5-3). O desprestígio social da profissão é tão visível e sentido que, mesmo perspetivando mudança para melhor, há quem se demonstre cético nessa mudança. Tal ceticismo é manifestado pelo SE5-2 ao concluir: “não sei se isso virá a acontecer”.

3.3. Apreciação do regime de monodocência

Sobre os *Desafios* enfrentados pelos docentes afetos a esse regime de lecionação, em particular nas 5ª e 6ª Classes, aqueles foram unânimes em referir algumas situações menos favoráveis, como o facto de terem de lecionar todos os dias na mesma turma e a necessidade de dominar um conjunto de disciplinas, impondo-lhes aprendizagem constante e reforçada. Assim, do ponto de vista do SE6-1, lecionar em regime de monodocência “é muito desafiante...”, uma vez que “temos de dar aulas todos os dias... é muito desgastante para nós...”. E, segundo o SE5-3, é “cansativo para o professor e até para o aluno que tem de suportá-lo”. Para o SE5-2 “essa coisa de trabalhar todos os dias na mesma classe constitui um grande desafio... é complicado e é um pouco chato”. Já para o SE6-1, existe “sobrecarga por lecionar todas as disciplinas”, enquanto para o SE6-3 “muitas das vezes o professor não percebe todas as disciplinas...”. Também o SE5-2 é de opinião que “a carga horária é pesada...”,

considerando SE6-1 que “(...) são muitas disciplinas e não dominamos todas...” o que “implica que temos de aprender mais coisas”, conclui o SE6-2.

Três dos sujeitos questionam também a preparação dos alunos, ou seja, as lacunas que muitos deles apresentam, herdadas das classes anteriores, impondo ao professor o redobramento de esforços no sentido de as minimizar, como se pode verificar nos comentários a seguir: “para mim tem sido... desafio o exercício que se faz para levar o aluno a superar as suas dificuldades de base. Tenho casos de alunos que não sabem ler nem escrever em condições aqui na 5ª e, levá-los a superar isso é bastante trabalhoso” (SE5-2). Da mesma opinião partilha o SE6-4 quando afirma, “alguns alunos, apesar da idade e da classe que frequentam apresentam problemas na escrita e na leitura, mas tudo fazemos para que os mesmos possam aprender, sensibilizando-os para que mostrem interesse”. O SE6-2 elabora um pouco mais esta ideia, ao referir que, para ele, pesa muito “fazer transitar alguém com muitas insuficiências para o 1 ciclo. Este é o desafio que eu estou a ver aqui...” e conclui dizendo que, “tem alunos aqui que eu... sinceramente, seria um suicídio fazê-los transitar”.

Para além dos desafios já apontados, os professores se deparam com algumas *Dificuldades*, nomeadamente a carência de materiais didáticos, a inexistência de laboratório, o elevado número de alunos nas salas de aulas e a falta de acompanhamento dos alunos por parte dos encarregados de educação. Quanto à carência de materiais didáticos, o SE6-2 mostrou-se preocupado com a inexistência de “(...) condições necessárias para a realização de um trabalho que nos permita ter o ambiente favorável para uma aula saudável...”, e sua preocupação estende-se para a “(...) falta de mapas” e de “laboratórios para ensaio...” e lamenta essas insuficiências porque, do seu ponto de vista, tudo isso concorre para que “o aluno saia... com uma ideia vaga e não com uma coisa já precisa...”. Também o SE5-1 lamenta “a carência de materiais de apoio didático”. O elevado número de alunos nas salas de aulas constitui preocupação de dois dos professores. É o caso do SE5-1 que afirma “(...) aflige-me o elevado número de alunos nas salas de aulas”, opinião também partilhada pelo SE6-1 ao referir “(...) temos muitos alunos nas salas”, e esse facto tem, “muitas das vezes”, motivado o “desrespeito na sala de aula” (SE6-3). Assim, é fundamental que o professor saiba gerir da melhor forma possível essa situação, de contrário, se “não conseguir se desdobrar... está mal” (SE5-1). Também foi evocada por um dos sujeitos a questão da “falta de acompanhamento dos meus alunos por parte dos encarregados de educação” (SE5-1).

Considerando que a monodocência impõe a lecionação de todas as disciplinas pelo mesmo professor, e tendo em conta a complexidade de algumas disciplinas e as insuficiências herdadas da formação inicial, dois dos entrevistados, fazendo alusão à *Coadjuvação*, referem ser proveitoso ter auxílio integral de outros profissionais para lidar com determinadas disciplinas. É o caso do SE5-1, para quem, seria “proveitoso ter auxílio integral de um professor que domine a disciplina de Educação Manual e Plástica”. Também o SE6-1, apesar de minimizar o apoio dos seus colegas, alegando estarem nas mesmas condições que ele, afirma que “gostaria de ter auxílio de um professor formado em Educação Física e de outro formado em Música e não de

um dos meus colegas que estão nas mesmas condições que eu”. Contudo, houve um outro sujeito, o SE5-3, que considerou desnecessário o apoio integral na leção pois, segundo ele, “apesar da complexidade de algumas disciplinas, eu consigo lidar com todas”, porém, “em casos muito raros procuro auxílio da coordenadora de determinada disciplina a fim de tirar algumas dúvidas relacionadas com certas matérias”, mas, “não necessito de auxílio integral de um outro professor”, opinou.

3.4. Desenvolvimento profissional

A maioria dos sujeitos reconhece a *Importância da Formação Inicial*, pois é a base que sustenta o seu desempenho profissional. É o caso do SE5-1, quando refere: “da formação inicial recebi as bases que ditaram o meu desempenho atual enquanto professora, portanto, a mesma tem um significado ímpar no meu profissionalismo”. Também SE6-4 salienta que a formação inicial “tem servido, até hoje, de base fundamental para a preparação das minhas aulas, devido à quantidade de informação que absorvi da mesma”. Na mesma direção vão opiniões expressas por outros sujeitos, quando referem que a formação inicial “é importante na medida em que me dá bases para o exercício profissional” (SE6-3), “dita o nosso desempenho profissional” (SE5-3) e “nos concede as bases para sermos bons profissionais (SE6-2).

Considerando que, como disse um dos entrevistados, a formação inicial dita o desempenho profissional em qualquer profissão e, como refere SE6-1, que a “área em que nos formamos determina muito o nosso desempenho na função que exercemos”, um dos sujeitos, SE6-3, lamenta o facto de existirem no exercício da função docente “muitos professores sem formação específica” que têm posto em causa a qualidade de ensino-aprendizagem.

Algumas das situações apontadas anteriormente como desafios são, também, motivadas pelas *Insuficiências/Desadequação da Formação Inicial* e muitas delas prendem-se com a falta de domínio de determinadas disciplinas por parte de alguns professores, constituindo um obstáculo ao seu desempenho e desenvolvimento profissional. As disciplinas que os entrevistados mais apontaram como complexas são: a Educação Física, a Matemática, a Educação Manual e Plástica e a Educação Musical, como aparece expresso nas opiniões que a seguir transcrevemos:

“Eu, particularmente, tenho insuficiências a Matemática” (SE6-3). Para o SE6-2 “Educação Musical, Educação Manual e Plástica e Educação Física. Essas são as disciplinas onde eu tenho ainda alguma dificuldade”. O SE5-1 também considera não ter “(...) domínio da disciplina de Educação Musical...”. No dizer do SE6-1 “por ter uma formação inicial técnica, somente encontro dificuldades a dar aulas de Educação Física” e lamenta que a maioria dos seus colegas professores, “na aula de Educação Física manda os alunos correrem e não se importa com as possíveis limitações físicas dos mesmos”. Além dessas insuficiências, importa também referir a desadequação da formação em relação à atividade docente. Dito doutro

modo, a maioria dos sujeitos não tem formação inicial adequada à realidade do Ensino Primário. É o caso do SE5-1 quando afirma “(...) eu não sou formada em Magistério Primário e, no primeiro ano que comecei a lecionar no Ensino Primário tive muitas dificuldades porque a monodocência acarreta todas as disciplinas e eu apenas sou formada em uma disciplina de especialização...”. É também o caso do SE6-1, que se formou “numa área técnica e não num IMNE - Instituto Médio Normal de Educação... no princípio enfrentava problemas do tipo pedagógico”.

Face às insuficiências herdadas da formação inicial, os entrevistados apontam a *Importância da Formação Contínua* como uma das saídas para a superação daquelas. Deste modo, o SE6-1 considera que “as formações contínuas são importantes porque permitem o refrescamento dos nossos conhecimentos de base”, considerando SE5-1 que, “capacitam o professor para as melhores práticas de ensino” (SE5-1). O SE6-4 contou que, como sabia que trabalharia em regime de monodocência e estando consciente das suas insuficiências de base, foi “buscar conhecimentos relacionados com a disciplina de Educação Musical”. SE5-2, por sua vez, não tem dúvidas que “à medida que se fazem formações contínuas, os conhecimentos do indivíduo são atualizados...”, daí a sua importância.

Tendo em conta os desafios e as dificuldades com que se deparam no exercício da profissão, a maioria dos professores busca *Apoio de Outros Colegas* no sentido de ultrapassar algumas situações pontuais. Caso do SE6-3 que disse contar com “apoio de outro professor... e tem sido proveitoso” e exorta que não há que recear em solicitar auxílio porque é importante que o “professor seja humilde, partilhando com os outros as suas inquietações”, opinião partilhada pelo SE6-4, para quem, “(...) o homem não sabe tudo... carecemos sempre de algum auxílio”. O SE5-1 teve de “procurar alguns professores... dentro da instituição para ver se me explicassem algumas coisinhas que eu não entendesse”. No caso do SE6-1, que “(...) não sabia traçar o plano de aula, tinha sempre de pedir ajuda”, referindo “o auxílio que recebia dos colegas e da subdiretora pedagógica”.

Capítulo 4 - Discussão

Revisitando a literatura, passamos à discussão dos resultados obtidos mediante a análise de conteúdo das entrevistas realizadas, tendo em conta os objetivos específicos da presente investigação.

4.1. Perceção, desafios e perspectivas que os professores atribuem à profissão docente

Relativamente à **perceção, desafios e perspectivas que os professores atribuem à profissão docente**, os resultados apontam para os aspetos que nos próximos parágrafos referenciamos.

Os docentes percebem a profissão mediante a sua qualificação, resultante da formação inicial e a vivência pessoal da profissão, traduzida no exercício da atividade docente, nas experiências vivenciadas, nos desafios enfrentados e na busca pela superação constante. Nesta senda, concretamente na vivência pessoal da profissão, percebe-se alguma tendência de enfoque nas competências, mediante a preocupação com o desempenho pessoal e tendo em vista o alcance dos objetivos. Essa tendência é entendida como apego aos objetivos operacionais da profissão, conforme referem Alarcão e Tavares (2003), que se traduz numa racionalidade técnica do saber-fazer (Hall & McGinity, 2015; Mesquita, 2015; Zeichner, 2008), em detrimento do saber-agir que induz o profissional à cultura da prática reflexiva da profissão (Alarcão, 1996; Infante, Silva, & Alarcão, 1996; Mesquita, 2015).

Os resultados referem também que se trata de uma profissão bastante trabalhosa e que requer pessoas pacientes e capazes de enfrentar os grandes desafios que surgem por várias razões, por exemplo, a necessidade de busca constante de novos saberes e, no contexto dos entrevistados, a necessidade de lidar com a dura realidade da falta de condições materiais, adequadas para o normal exercício da prática docente.

Apesar dos desafios que enfrentam, os professores reconhecem que a docência é uma profissão bastante importante e de grande prestígio que, não só permite o desenvolvimento pessoal do profissional docente, como contribui para a formação de outros profissionais. Contudo, apesar da sua importância, de acordo com os resultados, pouco ou nada se faz para que os seus profissionais tenham atenção merecida que se traduza em: valorização da classe, melhoramento da remuneração, melhoramento das condições de trabalho, promoção da autonomia e controlo no exercício da atividade docente, melhoramento do estatuto e reconhecimento social. Essa dicotomia vai de encontro ao sentido paradoxal da profissão docente a que Monteiro (2017) faz referência, salientando que se fala muito da importância e

prestígio social da profissão, mas o que a realidade reflete é que os responsáveis não a tratam em conformidade. Assim, os entrevistados expressam o desejo de que seja uma profissão em que não se observe desfasamento entre a importância e o prestígio que se lhe atribui em discursos e a realidade vivenciada pelos profissionais.

4.2. Perceção e desafios que os docentes atribuem à monodocência

No que concerne à **perceção e desafios que os docentes atribuem à monodocência**, de acordo com os resultados, os professores consideram ser um regime de lecionação muito sobrecarregado devido ao facto de se ter de lecionar todos os dias um elevado número de disciplinas, umas mais complexas que as outras, com as quais os mesmos têm de lidar. Saliente-se que a complexidade de algumas disciplinas é vista, na ótica de alguns entrevistados, como fruto de algumas insuficiências da formação inicial. Face a isso, os mesmos se sentem impelidos a desdobrar-se em busca de formações complementares ou apoios de outros colegas no sentido de não prejudicarem a aprendizagem dos alunos. Dois dos sujeitos defenderam, inclusive, a necessidade de haver apoio integral de outros profissionais especializados que saibam lidar com as disciplinas consideradas mais complexas, numa clara alusão ao regime de lecionação por coadjuvação. Esse regime de lecionação, como bem o diz Formosinho (1998), permite que professores especializados em determinadas áreas auxiliem outros em contexto monodocente. Entretanto, apesar dos desafios e dificuldades atribuídos à monodocência, alguns dos docentes olham também para esse regime de lecionação como uma oportunidade de aprendizagem de novos conhecimentos que possam alargar o seu horizonte.

4.3. Disciplinas com maior grau de complexidade, na perspectiva dos docentes

Relativamente às **disciplinas com maior grau de complexidade, na perspectiva dos docentes**, somos impelidos a concluir que, tendo em conta as insuficiências da formação inicial referidas por alguns dos entrevistados, foram identificadas algumas disciplinas apontadas pelos próprios como as mais complexas para serem lecionadas, nomeadamente a Matemática, a Educação Física, a Educação Musical e a Educação Manual e Plástica. O documento consultado, *Currículo de Formação de Professores do Ensino Primário* apresenta um plano de estudos para a formação de professores para o Ensino Primário em que são previstas a lecionação das disciplinas em causa. Contudo, à exceção da Matemática, as três outras são agrupadas numa só, designada por «Expressões», indiciando uma aposta insuficiente nestas áreas ao nível de formação inicial.

4.4. Importância que os docentes atribuem à formação inicial e contínua

Quanto à importância que os docentes atribuem à formação inicial e contínua, saliente-se que os mesmos apontam a formação inicial como a base fundamental que determina o desempenho profissional. Porém, do ponto de vista dos entrevistados, a formação inicial possui ainda algumas lacunas que interferem no desempenho das suas funções, tendo em conta as dificuldades com que se deparam ao lecionar algumas disciplinas, de modo particular as referidas anteriormente. Desse modo, face aos desafios impostos pela complexidade de algumas disciplinas, resultante das insuficiências herdadas da formação inicial, os professores apontam as formações complementares, entendidas como formação contínua, como uma forma de ultrapassar as dificuldades com que se deparam no exercício da profissão. Para além desse objetivo, os professores encontram, também, nessas formações uma oportunidade de atualização dos conhecimentos de base e de expansão dos seus horizontes para aquisição de novos.

Os professores dispõem de algumas opções para a concretização de formações contínuas, nomeadamente a participação em seminários de capacitação docente, promovidos pelo Ministério da Educação, antes do início de cada ano letivo, ou a busca, de forma individual, de uma formação complementar a expensas próprias. A eficácia e o impacto dos seminários de capacitação, promovidos pelo Ministério da Educação, têm sido bastante questionados pois, na opinião dos entrevistados, ano após ano limitam-se a ensinar metodologias em detrimento de conteúdos científicos. Com base nessa opinião, entendemos que seja fundamental a articulação indissociável entre os conteúdos e a prática pedagógica, ou seja, que o processo formativo conduza à construção ativa do conhecimento gerado na ação formativa e sistematizado pela reflexão sobre a prática futura da atividade docente (Alarcão & Tavares, 2003).

Considerações finais

Em síntese, ao longo deste trabalho avulta a ideia de que os professores, que trabalham em contexto de monodocência na 5ª e 6ª Classes, percecionam a sua identidade profissional com base, nomeadamente na habilitação profissional conseguida através da formação inicial e pela vivência pessoal experienciada no âmbito do exercício da atividade docente.

Os desafios dos professores no contexto da monodocência nas referidas classes estão relacionados com a sobrecarga de disciplinas que têm de lecionar, muitas delas não dominadas pelos mesmos, e pela complexidade de algumas. A apontada complexidade de algumas disciplinas são, também, reflexos de insuficiências herdadas da formação inicial e que têm procurado ser ultrapassadas através de apoio entre colegas e pela frequência de formação contínua. Considera-se, igualmente desafiante, a desadequação entre a formação e a atividade docente, pois alguns docentes são formados em duas disciplinas. Os desafios estão também relacionados com a falta de condições materiais para o adequado exercício da atividade docente, nomeadamente laboratório para as aulas de Educação Musical. Face aos desafios apontados ao regime de monodocência na 5ª e 6ª classes, os professores salientaram a importância de uma formação inicial sólida e perspectivam uma maior aposta nas formações contínuas que permitam a atualização de conhecimentos e aquisição de novos, com vista à expansão de horizontes e o desenvolvimento de uma profissionalidade mais reflexiva.

Neste trabalho ficou também expresso que os professores consideram a profissão docente como a mais importante entre as demais, pois a formação de recursos humanos para as outras profissões depende grandemente da atuação dos profissionais da docência. Apesar de, pessoalmente reconhecerem a importância da profissão, lamentam o facto de, na sua ótica, não haver reconhecimento social. O não reconhecimento social inclui questões como falta de clareza na definição das políticas docentes, degradação do seu estatuto, condições precárias de trabalho, baixa remuneração e indefinição de políticas para o seu desenvolvimento profissional e social. Essa realidade que vivenciam faz com que se interroguem sobre o futuro da profissão. Porém, apesar de certo ceticismo demonstrado por alguns, perspectivam que aquele seja melhor.

Embora o número de sujeitos entrevistados constitua o total de docentes da instituição em que se desenvolveu a presente investigação, consideramos que seria desejável ter entrevistado mais sujeitos de outras instituições. Esta é a maior das limitações da presente investigação. Contudo, tendo em conta que se realizou uma investigação com enfoque qualitativo, baseada na aplicação e análise do conteúdo de entrevistas, não havia, desde o início, qualquer intenção de generalização dos resultados. Tendo em conta, porém, a abrangência e incidência territorial das mudanças da reforma do sistema educativo do país,

consideramos que as conclusões deste estudo são passíveis de extrapolação a instituições, cujas realidades no que concerne à lecionação da 5ª e 6ª classes se assemelham à da instituição onde foi desenvolvida a investigação.

Tendo em conta que no país existem algumas escolas (comparticipadas ou inteiramente privadas) que adotam a lecionação por coadjuvação na 5ª e 6ª classes (embora este aspeto não esteja legislado) em disciplinas como a Matemática, Educação Musical Educação Física bem como Educação Manual e Plástica, seria interessante que, em estudos posteriores, se fizesse uma comparação dos resultados da atuação dos professores nesse regime de lecionação e os do regime de monodocência em distintas escolas.

Referências

- Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. Em I. Alarcão (org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão* (pp. 171-189). Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. (2001). *Compreendendo e construindo a profissão professor: Da história da profissão professor ao histórico de cada professor*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Alsop, J. (2008). *Teacher identity discourses: Negotiating personal and professional spaces*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2014). A entrevista na investigação em educação. Em J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (2ª ed., pp. 207-232). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Anderson, G., & Cohen, M. I. (2015). Redesigning the identities of teachers and leaders: A framework for studying new professionalism and educator resistance. *Education Policy Analysis Archives*, 23(85), pp. 1-24.
- Anderson, G., & Herr, K. (2015). New public management and the new professionalism in education: Framing the issue. *Education Policy Analysis Archives*, 84, pp. 1-5.
- Arenilla, L., Gossot, B., Rolland, M.-C., & Roussel, M.-P. (2013). *Dicionário de pedagogia* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Azevedo, J. (2007). *Sistema educativo mundial: Ensaio sobre a regulação transnacional da educação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Barroso, J. (2005). O estado, a educação e a regulação das políticas públicas. *Educ. Soc.*, 26(92), pp. 725-751.
- Buyruk, H. (2014). "Professionalization" or "Proletarianization": Which Concept Defines The Changes in Teachers' Work? *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 116, pp. 1709-1714.
- Carvalho, A. O. (2011). *Currículo de formação de professores do ensino primário*. Luanda: INIDE.
- Coutinho, P. C. (2016). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Delors, J. (1998). *Educação, um tesouro a descobrir: Um relatório para a UNESCO da comissão internacional da educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez Editora.
- Flores, M. A. (Out.-Dez. de 2014). Discursos do profissionalismo docente - Paradoxos e alternativas conceptuais. *Revista Brasileira de Educação*, 19, pp. 851-870.
- Flores, M. A. (2017). Contributos para (re)pensar a formação de professores. *Lei de Bases do Sistema Educativo. Balanço e Prospetiva. II*, pp. 773-810. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Formosinho, J. (1998). *Educação para todos - O ensino primário: De ciclo único do ensino básico a ciclo intermédio da educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Formosinho, J. (2009). A Academização da formação de professores. Em J. Formosinho (coord.), *Formação de professores - Aprendizagem profissional e acção docente* (pp. 73-92). Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J., & Ferreira, I. F. (2009). Concepções de professor. Diversificação, avaliação e carreira docente. Em J. Formosinho (coord.), *Formação de professores - Aprendizagem profissional e acção docente* (pp. 19-36). Porto: Porto Editora.
- Galindo, W. C. (2004). A construção da identidade profissional docente. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24(2), pp. 14-23.
- Hall, D., & McGinity, R. (2015). Conceptualizing teacher professional identity in neoliberal times: Resistance, compliance and reform. *Education Policy Analysis Archives*, 23(88), pp. 1-16.
- Infante, M. J., Silva, M. S., & Alarcão, I. (1996). Descrição e análise interpretativa de episódios de ensino: Os casos como estratégia de supervisão reflexiva. Em I. Alarcão (org.), *Formação reflexiva de profssores: Estratégias de supervisão* (pp. 151-169). Porto: Porto Editora.
- INIDE. (2003). *Currículo de formação de professores do 1.º ciclo do ensino secundário*. Luanda: INIDE.
- INIDE. (2013). *Currículo do ensino primário*. (3ª ed.). Luanda: Editora Moderna.
- Leite, C. (2001). Monodocência - coadjuvação. *Gestão curricular no 1º: Monodocência - coadjuvação. Encontro de reflexão. Viseu 2000* (pp. 45-51). Lisboa: Ministério da Educação.
- Macedo, L. (2002). Situação-problema: Forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem ecolar. Em P. Perrenoud, & M. G. Thurler, *As competências para ensinar no século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação* (pp. 113-135). São Paulo: Artmed.
- Marcelo García, C. (1999). *Formação de professores: Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Mateus, M., & Cambala, R. (16 de Novembro de 2012). Regime de monodocência cumpre metas da reforma. *Jornal de Angola*. Obtido em 29 de Abril de 2017, de http://jornaldeangola.sapo.ao/reportagem/regime_de_monodocencia_cumpre_metas_da_reforma
- MED. (2010). *Reflexões sobre a evolução do sistema de educação de Angola ao longo dos 35 anos de independência*. Ministério da Educação, Luanda.
- MED. (2011). *Balanço da implementação da 2ª Reforma educativa em Angola*. Luanda: Ministério da Educação.
- Mesquita, E. (2015). Ver, ouvir e saber: O lugar da competência nos modelos de formação inicial de professores. *Formação inicial de professores* (pp. 292-303). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Mesquita, E., & Roldão, M. C. (2017). *Formação inicial de professores: A supervisão pedagógica no âmbito do processo de bolonha*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Moita, M. d. (1995). Percursos de formação e de trans-formação. Em A. Nóvoa (org), *Vidas de professores* (pp. 111-140). Porto: Porto Editora.

- Monteiro, A. R. (2017). *Uma teoria da educação*. Lisboa: Edições Piaget.
- Mouraz, A., Leite, C., & Fernandes, P. (2012). A formação inicial de professores em Portugal decorrente do Processo de Bolonha: Uma análise a partir do “olhar” de professores e de estudantes. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42(2), pp. 189-209.
- Nóvoa, A. (16 de Novembro de 1987). Um tempo de ser professor. (*Palestra proferida no Museu João de Deus*). Lisboa.
- Nóvoa, A. (1995). Os professores e as histórias da sua vida. Em A. Nóvoa (org.), *Vidas de professores* (2ª ed., pp. 11-30). Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1999). O passado e o presente dos professores. Em A. Nóvoa (org.), *Profissão professor* (2ª ed., pp. 13-34). Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (2002). *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa.
- OECD. (2005). *Teachers matter: Attracting, developing and retaining effective teachers*. Paris: OECD Publishing. Obtido de <http://www.oecd.org/edu/teacherpolicy>
- Pacheco, J. (2001). Monodocência - coadjuvação. *Gestão curricular no 1º: Monodocência - coadjuvação. Encontro de reflexão. Viseu 2000* (pp. 53-59). Lisboa: Ministério da Educação.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação - Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Perrenoud, P. (2002). A formação dos professores no século XXI. Em P. Perrenoud, & M. G. Thurler, *As competências para ensinar no século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação* (pp. 11-33). São Paulo: Artmed.
- Rangel, M. (2001). Monodocência - coadjuvação. *Gestão curricular no 1º: Monodocência - coadjuvação. Encontro de reflexão. Viseu 2000* (pp. 61-67). Lisboa: Ministério da Educação.
- Roldão, M. C. (2004). *Gestão do currículo e avaliação de competências - As questões dos professores* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Sacristán, J. G. (1995). Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. Em A. Nóvoa (Org.), *Profissão professor* (2ª ed., pp. 63-93). Porto: Porto Editora.
- Santos, M. A., & Gomes, W. B. (abr./jun. de 2010). Self dialógico: Teoria e pesquisa. *Psicologia em Estudo*, 15(2), pp. 353-361.
- Silva, E. B. (2011). *Professores e escolas - Imagem social e desafios da profissão*. Lisboa: Fonte da Palavra.
- Tello, C., & Almeida, M. d. (2014). Políticas educativas e profissionalização docente na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, 26, pp. 161-174.
- Zau, F. S. (2005). O Professor do ensino primário e o desenvolvimento dos recursos humanos em Angola (uma visão prospectiva). (*Tese de Doutoramento*). Lisboa: Universidade Aberta.
- Zeichner, K. M. (1983). Alternative paradigms of teacher education. *Journal of Teacher Education*, 34, 3-9.
- Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Profissionalidade docente: os desafios e perspectivas dos professores face à monodocência na 5ª e 6ª Classes do Ensino Primário, numa Escola da Província do Bengo

Zeichner, K. M. (2008). Uma análise crítica sobre a "reflexão" como conceito estruturante na formação docente. *Educ. Soc.*, 29(103), pp. 535-554.

Legislação consultada

LBSE. (2001). Lei de bases do sistema de educação, Lei n.º 13/01 de 31 de Dezembro. Luanda, Angola: Assembleia Nacional.

LBSEE. (2016). Lei de Bases do sistema de educação e ensino, Lei n.º 17/16 de 7 de Outubro. *Diário da República I Série - N.º 170*. Luanda, Angola: Assembleia Nacional.

Anexos

Anexo 1 - Guião de Entrevista

Legitimação da entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação		
Codificação do sujeito a ser entrevistado	Habilitações literárias	
	Área de formação	
	Especialidade	
	Tipo de Instituição em que se formou	
	Tempo de serviço	
	Classe que leciona	
	Tempo de lecionação na Classe	
Designação	Objetivos específicos	Formulário de perguntas
1-Profissionalidade docente	Recolher do professor elementos relativamente a sua perceção, perspectivas e desafios que atribui à profissão docente	1. Para ti o que é ser um profissional da docência?
		2. Em que medida te consideras profissional?
		3. Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?
		4. Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?
		5. Que perspectivas tens sobre a profissão docente?
2-Monodocência	Obter do professor opiniões sobre o regime de monodocência, bem como os desafios que se lhe atribuem	6. Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?
		7. O que entendes por monodocência?
		8. Quais são as vantagens da monodocência?
		9. Quais são as desvantagens da monodocência?
		10. Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?
		11. Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?
		12. Como avalias a monodocência na 5ª Classe?
3-Formação Inicial e contínua	Recolher do professor informação complementar sobre perceção e importância da formação inicial	13. Qual foi a tua formação inicial?
		14. Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?
		15. Que formações complementares fizeste?
		16. Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?
		17. Que importância atribuis à formação contínua?

Anexo 2 - Transcrição das Entrevistas

Legitimação da Entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação do Entrevistado		
SE5-1 (Sujeito Entrevistado da 5ª Classe - 1)	Habilitações literárias	13ª Classe
	Área de formação	Educação
	Especialidade	Língua Portuguesa
	Tipo de Instituição em que se formou	Escola de Formação de Professores
	Tempo de serviço	6 anos
	Classe que leciona	5ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	2 anos

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 5ª Classe - 1 (SE5-1): Ser profissional da docência é ensinar e ajudar na educação de outros, de forma orgulhosa.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE5-1: Considero-me profissional porque cada ano que passa aperfeiçoço as minhas práticas. Mesmo não passando em muitas formações conseguimos lidar com aquilo que fazemos no dia a dia.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE5-1: Bem, cada área é uma área. A docência requer pessoas capazes, pacientes e que tenham muito amor ao trabalho. Em comparação com as outras, esta é uma profissão bastante trabalhosa, requer muita paciência.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE5-1: A falta de acompanhamento dos meus alunos por parte dos encarregados de educação, a carência de materiais de apoio didático e a falta de domínio da disciplina de Educação Musical, aponto como os grandes problemas que tenho enfrentado enquanto profissional da docência.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE5-1: Espero que haja mais formações para capacitar os profissionais.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

SE5-1: Bem, os grandes desafios... em primeiro lugar, eu não sou formada em Magistério Primário e, no primeiro ano que comecei a lecionar no Ensino Primário tive muitas dificuldades porque a monodocência acarreta todas as disciplinas e eu, apenas, sou formada em uma disciplina de especialização, então, eu tive de procurar alguns professores aqui dentro da instituição para ver se me explicassem algumas coisinhas que eu não entendesse.

E: O que entendes por monodocência?

SE5-1: A monodocência é acarretar... ehh... o professor dar todas as disciplinas do ensino primário. São por aí nove disciplinas que um único professor tem que dar.

E: Quais são as vantagens da monodocência?

SE5-1: A vantagem é que o professor consegue ter inclinação e domínio de todas as disciplinas da classe.

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE5-1: A desvantagem é que quando você não tem formação, então, você fica perdida como ensinar essas pessoas que precisam de aprender todas essas disciplinas.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE5-1: Dentro da monodocência tem muitos desafios. Para além necessidade de dominar todas as disciplinas, tem o número elevado de alunos nas salas de aulas. Se o professor não conseguir se desdobrar... está mal.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE5-1: Eu não sei desenhar... seria proveitoso ter auxílio integral de um professor que domine a disciplina de Educação Manual e Plástica.

E: Como avalias a monodocência na 5ª Classe?

SE5-1: É muito trabalhoso lecionar na 5ª Classe em regime de monodocência, entretanto, como já lecionei nesse tipo de regime em outras classes, tenho procurado encontrar formas de ultrapassar as dificuldades. Além de ter de lecionar as disciplinas todas, aflige-me o elevado número de alunos nas salas de aulas.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE5-1: A minha formação é na especialidade de Língua Portuguesa e frequento o 3º ano em Sociologia da Educação.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?

SE5-1: A minha formação inicial, conjugada com a frequência do curso de Sociologia da Educação têm me dado suporte para a preparação exitosa das minhas aulas, daí que tenho tido resultados satisfatórios com os meus alunos. Sou muito rigorosa na apreciação da escrita dos alunos e, a relação professora-aluno tem sido extraordinária no sentido positivo.

E: Que formações complementares fizeste?

SE5-1: Tenho participado nos seminários de capacitação promovidos antes do início de cada ano letivo.

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

SE5-1: Da formação inicial recebi as bases que ditaram o meu desempenho atual enquanto professora, portanto, a mesma tem um significado ímpar no meu profissionalismo. Fiz práticas de ensino supervisionadas e me servem até hoje.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE5-1: As formações contínuas são bastante importantes porque capacitam o professor para as melhores práticas de ensino. Por exemplo, os seminários de capacitação têm capacitado os professores para elaboração dos planos de aula, como preencher uma pauta, como fazer avaliação.

Legitimação da Entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação do Entrevistado		
SE5-2 (Sujeito Entrevistado da 5ª Classe - 2)	Habilitações literárias	13ª Classe
	Área de formação	Educação
	Especialidade	Geo-História
	Tipo de Instituição em que se formou	Escola de Formação de Professores
	Tempo de serviço	5 anos
	Classe que leciona	5ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	1º ano

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 5ª Classe - 2 (SE5-2): Ser profissional da docência é saber inculcar conhecimentos exatos aos nossos queridos alunos, levá-los a um objetivo no que toca a aula.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE5-2: Sou profissional porque ajudo os alunos a atingirem os objetivos educativos e os resultados são positivos.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE5-2: Sem querer baixar as outras profissões, penso que a profissão docente é uma profissão privilegiada porque ajuda a pessoa a ter a mente aberta e a expandir o horizonte de conhecimentos.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE5-2: Para mim tem sido problema e ao mesmo tempo desafio o exercício que se faz para levar o aluno a superar as suas dificuldades de base. Tenho casos de alunos que não sabem ler nem escrever em condições aqui na 5ª e, levá-los a superar isso é bastante trabalhoso.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE5-2: Esta profissão tem sido ignorada e negligenciada. Espero que no futuro haja mais professores melhor formados e que o governo olhasse para o bem-estar dos profissionais, que tenham mais regalias. Não sei se isso vira acontecer, mas esperemos que aconteça.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

SE5-2: No Ensino Primário, temos de dar aulas todos os dias na mesma turma e, acresce-se o facto de ter de ser o mesmo professor, eu particularmente, a lecionar todas as disciplinas. Para mim estes aspetos constituem os grandes desafios na docência no Ensino Primário.

E: O que entendes por monodocência?

SE5-2: A monodocência é ter um único professor ou professora a lecionar todas as disciplinas numa classe ou turma.

E: Quais são as vantagens da monodocência?

SE5-2: Uma das vantagens reside no facto de o professor não estar limitado ao domínio de uma única disciplina, pelo contrário, tem a possibilidade de ampliar os seus conhecimentos em diversas áreas do saber. Ajuda o professor a recordar conhecimentos que aprendeu há um tempo atrás.

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE5-2: A desvantagem é quando o professor tem dificuldades nalguma disciplina, uma vez que tem de trabalhar com todas da classe, aí é complicado e precisa recorrer a um colega que tenha domínio na mesma disciplina.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE5-2: Para começar a carga horária é pesada. Essa coisa de trabalhar todos os dias na mesma classe constitui um grande desafio para mim, é complicado e é um pouco chato.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE5-2: Eu particularmente superei a necessidade de ter auxílio de outro professor porque tenho recebido explicações de Matemática, antes disso, era proveitoso ter sim auxílio de outros colegas. Aguento-me nas restantes disciplinas.

E: Como avalias a monodocência na 5ª Classe?

SE5-2: Apesar de o professor lecionar todas as disciplinas, não acho a monodocência na 5ª Classe um bicho de sete cabeças, o professor pode sim adaptar-se, porque o professor é isso... é alguém que sabe adaptar-se.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE5-2: Cursei Educação, especialidade Geografia e História.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?

SE5-2: Enquanto estudante, tive aulas de metodologias de ensino. As metodologias aprendidas e também praticadas em estágio, dão-me suporte na elaboração de plano de aula bem como na organização de matérias. Com base nisso, consigo transmitir os conhecimentos de forma prática e objetiva.

E: Que formações complementares fizeste?

SE5-2: Até agora, as minhas formações complementares limitam-se na participação em seminários de capacitação pedagógica.

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

SE5-2: Aprendi metodologias e tive práticas de ensino ao longo da minha formação inicial. Tudo quanto desenvolvo hoje enquanto profissional é graças à formação que tive, portanto, a formação inicial constitui-se na base que orienta a vida profissional de um indivíduo.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE5-2: As formações contínuas ajudam a enriquecer os nossos conhecimentos. À medida que se fazem formações contínuas, os conhecimentos do indivíduo são atualizados, portanto, são de extrema importância.

Legitimação da entrevista		
A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.		
Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.		
Identificação		
SE5-3 (Sujeito Entrevistado da 5ª Classe - 3)	Habilitações literárias	12ª Classe
	Área de formação	Ciências Sociais
	Especialidade	Económicas e Jurídicas
	Tipo de Instituição em que se formou	Pré-Universitário
	Tempo de serviço	5 anos
	Classe que leciona	5ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	1º ano

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 5ª Classe - 3 (SE5-3): Ser profissional da docência é ter o privilégio de formar os outros profissionais.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE5-3: Embora não tenha tido uma formação inicial em ciências da educação, considero-me profissional porque desempenho as minhas funções com zelo e prazer. Não me considero um profissional adaptado, mas alguém realmente integrado na profissão.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE5-3: A profissão docente é uma grande profissão, se a compararmos com as demais. Infelizmente, no nosso país é uma profissão pouco valorizada e pouco remunerada. É uma espécie de profissão de segundo grau.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE5-3: Tenho enfrentado alguns problemas no exercício profissional, nomeadamente a falta de materiais didáticos, o que dificulta a preparação das minhas aulas.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE5-3: Espero que se aposte mais na formação e na valorização dos profissionais da docência.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

Profissionalidade docente: os desafios e perspetivas dos professores face à monodocência na 5ª e 6ª Classes do Ensino Primário, numa Escola da Província do Bengo

SE5-3: Sempre estive habituado a lecionar na 7ª Classe, I Ciclo do Ensino Secundário, onde lecionava apenas uma disciplina, lecionar todas as disciplinas no Ensino Primário tem sido um trabalho árduo e também prazeroso.

E: O que entendes por monodocência?

SE5-3: Monodocência... A monodocência é lecionar todas as disciplinas pelo único professor.

E: Quais são as vantagens da monodocência?

SE5-3: A vantagem é que ao lecionar todas as disciplinas, conseguimos aprender coisas novas e aprimorar o que já sabemos. Se não entendemos uma disciplina, podemos pedir explicações a quem entenda.

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE5-3: Quando não se tem bases em determinadas disciplinas, o professor pode afetar a compreensão dos alunos, inclusive naquelas em que tem domínio. Aí reside uma das desvantagens da monodocência. Outro aspeto desvantajoso tem a ver com o excesso de carga horária, dar muitas aulas no mesmo dia é cansativo para o professor e até para o aluno que tem de suportá-lo.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE5-3: O número de disciplinas que tenho de lecionar bem como o número de alunos, não são poucos, que devo acompanhar são para mim os maiores desafios que aponto ao regime de monodocência.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE5-3: Apesar da complexidade de algumas disciplinas, eu consigo lidar com todas. Em casos raros, procuro auxílio da coordenadora de determinada disciplina a fim de tirar algumas dúvidas relacionadas com certas matérias. Entretanto, não necessito de auxílio integral de um outro professor.

E: Como avalias a monodocência na 5ª Classe?

SE5-3: A monodocência na 5ª Classe é desafiante, exatamente por causa de ter de lecionar todas as disciplinas, torna-se um pouco cansativo.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE5-3: Estudei, no secundário, ciências sociais, especialidade ciências económicas e jurídicas.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?

Profissionalidade docente: os desafios e perspectivas dos professores face à monodocência na 5ª e 6ª Classes do Ensino Primário, numa Escola da Província do Bengo

SE5-3: Do ponto de vista do domínio das matérias, a formação inicial deu-me bases para poder preparar melhor as minhas aulas, entretanto, tive a necessidade de frequentar um curso básico de pedagogia a fim de aprender as metodologias de ensino.

E: Que formações complementares fizeste?

SE5-3: Além do Curso básico de pedagogia que fiz referência, tenho participado nalguns seminários de capacitação.

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

SE5-3: A formação inicial é importante pois serve-nos de base que dita o nosso desempenho profissional.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE5-3: A formação contínua é importante porque permite-nos buscar e aprender coisas novas.

Legitimação da entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação		
SE6-1 (Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 1)	Habilitações literárias	12ª Classe
	Área de formação	Ciências Exatas
	Especialidade	Desenho Projetista
	Tipo de Instituição em que se formou	Ensino Técnico
	Tempo de serviço	3 anos
	Classe que leciona	6ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	2 anos

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 1 (SE6-1): Ser profissional da docência é ser alguém importante que contribui para a formação humana. Se hoje estou aqui é graças aos profissionais da docência que me formaram.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE6-1: Sou profissional porque tenho uma formação, exerço funções profissionais e cumpro com as minhas obrigações laborais.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE6-1: Para mim, é a profissão mais importante da função pública porque é a que permite a formação de todos os demais profissionais de outros ramos, mas, apesar disso não temos um bom salário e parece que não temos muito valor.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE6-1: Como me formei numa área técnica e não num IMNE - Instituto Médio Normal de Educação, (atuais escolas de formação de professores), no princípio enfrentava problemas do tipo pedagógico, por exemplo, não sabia traçar o plano de aula, tinha sempre de pedir ajuda aos colegas e, felizmente a subdiretora pedagógica contribuiu imenso para a superação desse problema, dava-me sempre explicações de como tinha de traçar o plano de aula e de como lidar com os alunos na sala. Outro grande problema, além do salário... (risos)... é a distância porque eu vivo em Luanda e tenho de vir todos os dias aqui no Bengo, percorrendo mais de 60 quilómetros de estrada.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE6-1: Por ser, do meu ponto de vista, a mais importante profissão da função pública, gostaria que fosse mais valorizada, principalmente na questão da remuneração e no respeito do professor.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

SE6-1: É muito desafiante trabalhar no Ensino Primário, temos de dar aulas todos os dias, é muito desgastante para nós... além disso, temos muitos alunos nas salas.

E: O que entendes por monodocência?

SE6-1: A monodocência é a lecionação de todas as disciplinas de uma classe por um único professor, como tem acontecido connosco que damos aulas no Ensino Primário.

E: Quais são as vantagens da monodocência?

SE6-1: Não vejo grandes vantagens, pelo contrário sentimo-nos sobrecarregados por lecionar todas as disciplinas... e não temos domínio de todas...

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE6-1: São muitas... uma delas é que são tantas as disciplinas que se leciona e que a maior parte dos professores não entende, principalmente as disciplinas práticas como a Matemática, a Educação Musical, a Educação Manual e Plástica e a educação física. No caso da Matemática, por exemplo, alguns professores não lecionam determinados conteúdos por falta de domínio e os alunos saem prejudicados.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE6-1: São muitos os desafios, a começar pela sobrecarga por lecionar todas as disciplinas. De seguida, penso que é preciso selecionar bem os professores que lecionam nesse regime. Têm de ser aqueles que têm domínio das disciplinas mais técnicas como a Matemática, a Educação Manual e Plástica, a Educação Musical e a Educação Física. No meu caso particular, por ter uma formação inicial técnica, somente encontro dificuldades a dar aulas de educação física. A maior parte dos meus colegas, na aula de Educação Física manda os alunos correrem e não se importa com as possíveis limitações físicas dos mesmos.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE6-1: Gostaria de ter auxílio de um professor formado em Educação Física e de outro formado em Música e não de um dos meus colegas que estão nas mesmas condições que eu.

E: Como avalias a monodocência na 6ª Classe?

SE6-1: Não é fácil trabalhar em regime de monodocência, particularmente na 6ª Classe. São muitas disciplinas e não dominamos todas e são os alunos que saem a perder porque para o professor fez a sua parte.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE6-1: Formei-me no ensino técnico na especialidade de desenho projetista.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?

SE6-1: Deu-me bases suficientes para lidar com disciplinas como a Matemática e a Educação Manual e Plástica, apesar das minhas insuficiências iniciais na questão pedagógica, por isso penso que estou melhor preparado que os meus colegas que frequentaram o Magistério Primário.

E: Que formações complementares fizeste?

SE6-1: Fiz um curso básico de pedagogia para auxiliar na questão da prática pedagógica e complementar o auxílio que recebia dos colegas e da subdiretora pedagógica.

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

SE6-1: A formação inicial tem grande importância porque nos dá bases suficientes para sermos bons profissionais. A área em que nos formamos determina muito o nosso desempenho na função que exercemos.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE6-1: Eu penso que as formações contínuas são importantes porque permitem o refrescamento dos nossos conhecimentos de base. Atualmente encontro-me frequentar o curso de licenciatura em Pedagogia.

Legitimação da entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação		
SE6-2 (Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 2)	Habilitações literárias	12ª Classe
	Área de formação	Educação
	Especialidade	Geografia e História
	Tipo de Instituição em que se formou	Escola de Formação de Professores
	Tempo de serviço	18 anos
	Classe que leciona	6ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	1º ano

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 2 (SE6-2): Um profissional da docência... é... nada menos, nada mais do que um edificador da nação... edificador, porque a edificação de uma nação é feita com homens bem formados. Uma nação é forte quando tem quadros bem formados, empenhados na investigação para poder encontrar os mecanismos de desenvolver o país e criar a facilidade de todos e isso parte exatamente no ensino e preparação perfeita do homem e que é feita na escola.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE6-2: Eu me considero profissional porque faço este trabalho com muito carinho, amor e com um desempenho particular... aí não coloco interesse meu nem a minha pessoa mas eu coloco o alvo principal que eu pretendo alcançar e que este homem deve ser... então aí me considero um profissional... porque eu não... não banalizo o aluno mas procuro saber onde é que está a sua dificuldade... porque este (o aluno) é a matéria prima que eu vou apresentar à nação e que o que ele vai fazer no futuro ele vai ter que se lembrar de onde ele partiu... então aí me considero profissional.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE6-2: As demais profissões da função pública só têm o respaldo positivo devido ao trabalho feito pela docência. Eu para ser um bom governante, um bom escriturário, um bom secretário... então deve-se àquilo que aprendi com o professor... tudo o que veio da docência. Então, a docência tem sempre muita coisa a dar, como base para todo o trabalho na sociedade.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE6-2: Os desafios às vezes são... não temos condições necessárias para a realização de um trabalho que nos permita ter o ambiente favorável para uma aula saudável, por exemplo, temos falta de mapas, temos que ter alguns laboratórios para ensaio... então... tudo isso faz com que o aluno saia daqui com uma ideia vaga e não com uma coisa já precisa... e isso tem influenciado, às vezes, na qualidade de alunos que nós temos apresentado.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE6-2: Essa profissão, se as estruturas que superintendem esta área não verem com muita atenção... teremos um ensino ilusório... porque é preciso que os que estão nesta área vejam como a área chave para termos um país forte e saudável.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

SE6-2: É um desafio enorme porque o ensino primário é o escalão base da formação de um homem novo... todas as insuficiências que os alunos aí trazerem vão transportar para todo o sempre. Por isso que é necessário se prestar muita atenção aos professores do ensino primário, serem capacitados nas diversas áreas, terem seminários de superação... porque nem todos os professores têm domínio completo de todas as disciplinas que eles lecionam... porque há o aprender para mim e o aprender para ensinar, há diferença. Então, quando eu tenho perfeito domínio, consigo buscar os diversos métodos para fazer entender os alunos.

E: O que entendes por monodocência?

SE6-2: Monodocência entendo eu como trabalho que... praticamente, dirigido, basicamente por um único professor a um grupo de alunos, de todas as matérias ou cadeiras que os alunos transportam, serem dirigidos por um só professor para que possa acompanhar o aluno em todos os aspetos da sua evolução.

E: Quais são as vantagens da monodocência?

SE6-2: Vantagens... porque o professor consegue controlar melhor todos os alunos em todos os aspetos, se ele é melhor a Matemática, se tem dificuldades na caligrafia ou ortografia, etc.

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE6-2: A desvantagem é... do professor, às vezes não ter o domínio de todas as cadeiras, por exemplo nós temos a educação musical, nós temos a educação manual e plástica... então, às vezes o professor não tem grande domínio... e há alunos que às vezes eles têm... praticamente, talento ou dom nestas áreas... então, aí é onde se encontra a dificuldade.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE6-2: Existem grandes desafios... é um desafio pessoal do professor ele reconhecer que precisa crescer para poder se enquadrar melhor na profissão. A lecionação de todas as disciplinas, por si só, é um grande desafio, implica que temos de aprender mais coisas.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE6-2: Bom... seria proveitoso caso que, dentro das dinâmicas já da direção da escola, sobretudo a subdireção pedagógica procurasse encontrar meio de haver seminários para que os professores que têm domínio nas cadeiras de educação musical, educação manual e plástica e educação física ajudarem os outros professores para permitir que haja um enquadramento correto do professor e com o andar do tempo, entre mais ou menos dois ou três anos, os professores acabam também por dominar essas áreas.

E: E para o professor em si, na primeira pessoa, acha proveitoso ter auxílio de outro professor?

SE6-2: Acho.

E: Em quais disciplinas e porquê?

SE6-2: Educação Musical, Educação Manual e Plástica e Educação Física. Essas são as disciplinas onde eu tenho ainda alguma dificuldade.

E: Como avalias a monodocência na 6ª Classe?

SE6-2: É muito difícil... na 6ª Classe muito difícil porque é uma classe de transição para o I Ciclo do Ensino Secundário. É o último ano do ensino primário e muitos não estão preparados... quer dizer, um indivíduo pensa muito, pela idade que alguns (alunos) já têm... pensa muito fazer transitar alguém com muitas insuficiências para o I ciclo. Este é o desafio que eu estou a ver aqui... tem alunos aqui que eu, sinceramente, seria um suicídio fazê-los transitar.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE6-2: A minha formação inicial foi em Educação, especialidade Geografia e História.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?

SE6-2: A formação inicial que tive ajuda-me muito porque a prática pedagógica que fazíamos com professores bastante experientes tem servido de suporte para a preparação das aulas, nomeadamente a elaboração dos planos de aula. É uma experiência que nos ajuda a atuar.

E: Que formações complementares fizeste?

SE6-2: Particpei em alguns seminários práticos de como elaborar um plano de aula há já algum tempo. Desde que passei pela escola de formação de professores nunca mais tive.

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

Profissionalidade docente: os desafios e perspectivas dos professores face à monodocência na 5ª e 6ª Classes do Ensino Primário, numa Escola da Província do Bengo

SE6-2: A formação inicial é importante porque nos concede as bases para sermos bons profissionais.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE6-2: A formação contínua é importante porque faz crescer, visto que as ciências estão em evolução e os métodos também. Permite-nos ainda enquadrar-nos nas transformações profundas que a própria sociedade vai sofrendo para que o professor não fique ultrapassado.

Legitimação da entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação		
SE6-3 (Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 3)	Habilitações literárias	13ª Classe
	Área de formação	Educação
	Especialidade	Magistério Primário
	Tipo de Instituição em que se formou	Escola de Professores do Futuro
	Tempo de serviço	8 anos
	Classe que leciona	6ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	1º ano

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 3 (SE6-3): O profissional da docência é aquele que consegue levar os alunos a atingir os seus objetivos.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE6-3: Considero-me profissional porque nas turmas em que eu passo, tenho conseguido manter focada a atenção dos estudantes naquilo que tenho transmitido.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE6-3: Encaro a profissão docente como uma das melhores. E é uma profissão bonita.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE6-3: Um dos grandes problemas prende-se com a falta de noção da vida por parte de alguns alunos que, muitas das vezes tem resultado no desrespeito na sala de aula. Felizmente, tenho sabido contrapor esse tipo de situação.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE6-3: Espero que no futuro seja uma profissão mais valorizada pois, atualmente não é como devia ser. Espero que seja uma profissão respeitada e bem remunerada.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

SE6-3: Um dos grandes desafios é o tipo de regime de lecionação, monodocência, muitas das vezes o professor não percebe todas as disciplinas e é importante que o mesmo professor seja humilde, partilhando com os outros as suas inquietações.

E: O que entendes por monodocência?

SE6-3: A monodocência é o regime em que um professor trabalha com todas as disciplinas de uma turma.

E: Quais são as vantagens da monodocência?

SE6-3: Das poucas vantagens, podemos destacar a questão de o professor acompanhar a evolução dos seus alunos em todas as disciplinas.

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE6-3: Uma das desvantagens é que nem sempre o professor tem o domínio de todas as disciplinas que deve lecionar.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE6-3: São muitos desafios e um deles passa pela capacitação do professor para que esteja à altura de lecionar todas as disciplinas, a fim de não prejudicar os alunos. Imaginemos uma turma com 50 alunos malformados. Dos 50, 20 se tornam professores e a trabalhar em regime de monodocência, serão 20 turmas com muitos debilitados.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE6-3: Eu, particularmente, tenho insuficiências a Matemática, porém, tenho contado com auxílio de um outro professor que entende a disciplina e tem sido proveitoso.

E: Como avalias a monodocência na 6ª Classe?

SE6-3: A monodocência na 6ª Classe é um bocadinho menos complicada em relação às outras classes do Ensino Primário, porque os alunos dessa classe têm um pouco mais de maturidade, evitando que o professor se esforce tanto na explicação da matéria.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE6-3: Formei-me em Educação, especialidade Magistério Primário.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua lecionação?

SE6-3: Hoje temos muitos professores sem formação específica. A minha formação inicial, por ser específica, tem ajudado imenso na preparação didática das aulas.

E: Que formações complementares fizeste?

SE6-3: Fiz o 2º ano na área de Desporto e participei em alguns seminários de capacitação.

Profissionalidade docente: os desafios e perspectivas dos professores face à monodocência na 5ª e 6ª Classes do Ensino Primário, numa Escola da Província do Bengo

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

SE6-3: Para mim a formação inicial é importante na medida em que me dá bases para o exercício profissional.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE6-3: As formações contínuas são importantes porque nos mantêm atualizados.

Legitimação da entrevista		
<p>A presente entrevista, enquadrada no âmbito investigação no Mestrado em Supervisão Pedagógica da UBI, visa recolher informações sobre a perceção profissional dos professores da 5ª e 6ª Classes em regime de monodocência, bem como os desafios que os mesmos atribuem a esse regime de lecionação.</p> <p>Entretanto, solicitamos a colaboração do professor no sentido de nos permitir que o entrevistemos com vista a consumarmos a recolha de informações supra referidas. Adiantamos, desde já, que as informações prestadas no âmbito da entrevista servirão somente para fins da presente pesquisa, estando salvaguardada a máxima confidencialidade.</p>		
Identificação		
SE6-4 (Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 4)	Habilitações literárias	12ª Classe
	Área de formação	Ciências Sociais
	Especialidade	Ciências Económicas e Jurídicas
	Tipo de Instituição em que se formou	Pré-Universitário
	Tempo de serviço	12 anos
	Classe que leciona	6ª Classe
	Tempo de lecionação na Classe	4 anos

Entrevistador (E): Para ti o que é ser um profissional da docência?

Sujeito Entrevistado da 6ª Classe - 4 (SE6-4): Ser profissional da docência é saber, de todas as ciências, o essencial... saber... para que possamos transmitir corretamente. E isso só fazemos quando procuramos também ser formados em determinadas áreas para podermos dar respostas na área profissional.

E: Em que medida te consideras profissional?

SE6-4: Bem, eu me considero um profissional desde que eu possa transmitir corretamente os meus conhecimentos bem como se diz, do ponto de vista científico... que os conhecimentos sejam bem-encarados tal como nesta escola ou noutra. Desde que essa informação foi bem dada, aí posso me considerar como um profissional.

E: Que análise fazes à profissão docente em comparação com as outras profissões da função pública?

SE6-4: Bom, é como uma qualquer, até porque todas as profissões são fundamentais. Comparando umas... hoje estou aqui, quem sabe, se talvez eu estivesse numa outra... então não tenho muito de... tipo... de comparação, o importante é a contribuição de cada um desses... especialistas para a sociedade, para o desenvolvimento da sociedade.

E: Então, a profissão docente, para ti, é como as outras?

SE6-4: Bom, eu concluo que é como uma qualquer, sim. Porque uma complementa a outra, por exemplo, não há educação sem saúde e é importante que olhemos desta forma.

E: Quais são os grandes problemas que tens enfrentado na profissão?

SE6-4: Hamm... pela experiência que tenho, não tenho enfrentado problemas na profissão, senão, fundamentalmente, a distância do local de trabalho para casa. Eu como profissional não posso parar porque a tendência é sempre buscar conhecimentos, então, desta feita, é a coisa que eu não paro, cada dia mais devemos aprender e desde que vá atrás desses objetivos, eu não encaro o meu trabalho como nada difícil.

E: Mencionou distância, porquê a distância?

SE6-4: Hamm... Angola é um país grande e quando estamos com objetivo de contribuir para o desenvolvimento dela não importa a distância, não é... devemos ir porque o importante é formar o homem, desta feita, não olho por aí, mas encaro como dificuldade, então, o grande desafio é mesmo transporte porque vivo em Luanda.

E: Que perspectivas tens sobre a profissão docente?

SE6-4: Perspetivo uma profissão mais valorizada.

E: Que desafios atribuis à docência no Ensino Primário?

SE6-4: Os desafios são muitos... Alguns alunos, apesar da idade e da classe que frequentam apresentam problemas na escrita e na leitura, mas tudo fazemos para que os mesmos possam aprender, sensibilizando-os para que mostrem interesse. Por exemplo na cadeira de língua portuguesa... um homem só vale na sociedade quando ele sabe ler e escrever, apesar que todos valem como seres humanos... tem maior importância.

E: O que entendes por monodocência?

SE6-4: A monodocência, como bem o diz o prefixo mono, significa ter um professor numa turma a lecionar todas as disciplinas, hoje muito destacado na 5ª e 6ª classes. Antigamente havia tantos professores, um professor para cada disciplina, mas hoje o termo monodocência refere a um professor com todas as disciplinas. Como falei anteriormente, graças aos seminários que fui participando, foram me ajudando a poder dar respostas a essa famosa monodocência, porque critica-se muito.

E: são as vantagens da monodocência?

SE6-4: A vantagem, acredito, da monodocência, é que o professor venha a conhecer perfeitamente os alunos. Ao conhece-los terá melhor possibilidade de ajuda-los a desenvolver melhor.

E: Quais são as desvantagens da monodocência?

SE6-4: É desvantajoso quando o professor não tem conhecimentos nalgumas cadeiras, quando na formação do próprio nem se preocupou em buscar determinados conhecimentos nalgumas disciplinas que viria a lecionar e este, por sua vez, deveria exigir-se, formando-se para poder dar respostas neste lado... não procurou formar-se e vem logo sem algum conhecimento na cadeira, fundamentalmente, de educação manual e plástica e de educação musical... acredito

eu que ao seu formando não poderá dar resposta exata... e poderá dar culpa ao seu aluno, pensando que o aluno é que não está a aprender como deveria, no fundo, é preciso procurar nos formar muito bem.

E: Quais são os grandes desafios que apontas ao regime de monodocência?

SE6-4: Ehh critica-se muito... primeiro, critica-se muito essa monodocência... quando nós os profissionais não temos conhecimentos que devemos ter nalgumas disciplinas, vem, então, causar dificuldades naqueles meninos que nós vamos transmitindo a informação e, depois, os professores no I e II ciclos começam a dar culpa aos professores de base. A não aplicação do próprio aluno é porque alguns professores não tiveram aquela possibilidade de aprender como deviam para poder também transmitir, porque na realidade se diz só levanta para ensinar aquele que sentou para aprender.

E: Até que ponto consideras que seria proveitoso ter o auxílio de outros docentes?

SE6-4: Bem, o homem não sabe tudo... carecemos sempre de algum auxílio. Quando assim acontece comigo, há sempre uma unidade ou tema que eu não tenha dominado da melhor forma possível, através da nossa coordenação, dividimos a ideia, e quem domina melhor aquela área partilha comigo ou com outros colegas.

E: Então, não precisa de auxílio de outro colega na leção?

SE6-4: Desde o momento que me foi colocado o desafio de ser monodocente, tive de me auto-preparar, portanto, não preciso de auxílio de outro colega para lecionar determinada disciplina.

E: Como avalias a monodocência na 6ª Classe?

SE6-4: Olha, como professor, por experiência tive dificuldade no primeiro ano, no ensino privado, mas graças à participação em alguns seminários e outros cursos que fui realizando fiquei melhor preparado. Por exemplo, como sabia que seria professor em regime de monodocência fui buscar conhecimentos relacionados com a disciplina de Educação Musical. Por agora não encaro mais tantos prolemas.

E: Qual foi a tua formação inicial?

SE6-4: A minha formação inicial é na área de ciências económicas e jurídicas, entretanto, frequento atualmente o 2º ano do curso de licenciatura em Ensino da Psicologia.

E: Que apreciação fazes da tua formação inicial em termos de preparação para a tua leção?

SE6-4: Como não se pode ir para o fim sem o princípio, a formação inicial tem servido, até hoje, de base fundamental para a preparação das minhas aulas, devido à quantidade de informação que absorvi da mesma.

E: Que formações complementares fizeste?

Profissionalidade docente: os desafios e perspectivas dos professores face à monodocência na 5ª e 6ª Classes do Ensino Primário, numa Escola da Província do Bengo

SE6-4: Participei em uma série de seminários de capacitação promovidos pela organização juvenil de um partido político.

E: Pode dizer que importância tem para ti a formação inicial?

SE6-4: A formação inicial é extremamente importante porque é a base para nos firmamos como profissionais.

E: Que importância atribuis à formação contínua?

SE6-4: A formação contínua é grande valia para a vida de um especialista e não só, nesta, mas em todas as áreas do saber... ajuda a ter novos horizontes no saber do especialista e terá maior capacidade em dar resposta em qualquer questão que lhe for incumbida na dada altura.

Anexo 3 - Análise de Conteúdo das Entrevistas

Análise de conteúdo das entrevistas

Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
Ser Profissional Docente	Identidade Profissional	<p>Ser profissional da docência é ter o privilégio de formar os outros profissionais. Embora não tenha tido uma formação inicial em ciências da educação, considero-me profissional porque desempenho as minhas funções com zelo e prazer. Não me considero um profissional adaptado, mas alguém realmente integrado na profissão (SE5-3).</p> <p>Ser profissional da docência é ser alguém importante que contribui para a formação humana (SE6-1).</p> <p>Eu me considero profissional... porque eu não... não banalizo o aluno, mas procuro saber onde é que está a sua dificuldade... porque este (o aluno) é a matéria prima que eu vou apresentar à nação e que o que ele vai fazer no futuro ele vai ter que se lembrar de onde ele partiu... então aí me considero profissional (SE6-2).</p> <p>Ser profissional da docência é saber inculcar conhecimentos exatos aos nossos queridos alunos, levá-los a um objetivo no que toca a aula (SE5-2).</p> <p>Um profissional da docência... é... nada menos, nada mais do que um edificador da nação... edificador, porque a edificação de uma nação é feita com homens bem formados. Uma nação é forte quando tem quadros bem formados, empenhados na investigação para poder encontrar os mecanismos de desenvolver o país e criar a facilidade de todos e isso parte exatamente no ensino e preparação perfeita do homem e que é feita na escola (SE6-2).</p> <p>Ser profissional da docência é ensinar e ajudar na educação de outros, de forma orgulhosa (SE5-1).</p> <p>O profissional da docência é aquele que consegue levar os alunos a atingir os seus objetivos (SE6-3).</p> <p>Ser profissional da docência é saber, de todas as ciências, o essencial... saber, para que possamos transmitir corretamente. (...) sou um profissional desde que eu possa transmitir corretamente os meus conhecimentos (SE6-4).</p> <p>(...) tenho uma formação, exerço funções profissionais (SE6-1).</p>
	Vivência da Profissão	<p>(...) faço este trabalho com muito carinho, amor e com um desempenho particular... aí não coloco interesse meu nem a minha pessoa, mas eu coloco o alvo principal que eu pretendo alcançar e que este homem deve ser... (SE6-2).</p> <p>(...) cada ano que passa aperfeiçoar as minhas práticas. Mesmo não passando em muitas formações conseguimos lidar com aquilo que fazemos no dia a dia (SE5-1).</p> <p>(...) ajudo os alunos a atingirem os objetivos educativos e os resultados são positivos (SE5-2).</p> <p>(...) tenho conseguido manter focada a atenção dos estudantes naquilo que tenho transmitido (SE6-3).</p> <p>(...) o professor pode sim adaptar-se, porque o professor é isso... é alguém que sabe adaptar-se (SE5-2).</p>

		<p>(...) cumpro com as minhas obrigações laborais (SE6-1).</p> <p>A docência requer pessoas capazes, pacientes e que tenham muito amor pelo trabalho (SE5-1).</p>
Valorização da Profissão Docente	Valorização Pessoal	<p>Para mim, é a profissão mais importante da função pública porque é que permite a formação de todos os demais profissionais de outros ramos. (...) se hoje estou aqui é graças aos profissionais da docência que me formaram (SE6-1).</p> <p>Sem querer baixar as outras profissões, penso que a profissão docente é uma profissão privilegiada porque ajuda a pessoa a ter mente aberta e a expandir o horizonte de conhecimentos (SE5-2).</p> <p>Eu para ser um bom governante, um bom escriturário, um bom secretário... então deve-se àquilo que aprendi com o professor... tudo o que veio da docência (SE6-2).</p> <p>A profissão docente é uma grande profissão se a compararmos com as demais (SE5-3).</p> <p>Encaro a profissão docente como uma das melhores. E é uma profissão bonita (SE6-3).</p> <p>Bom, é como uma qualquer, até porque todas as profissões são fundamentais. Comparando umas... hoje estou aqui, quem sabe, se talvez eu estivesse numa outra... então não tenho muito de... tipo... de comparação, o importante é a contribuição de cada um desses... especialistas para a sociedade, para o desenvolvimento da sociedade (SE6-4).</p> <p>(...) eu concluo que é como uma qualquer, sim. Porque uma complementa a outra, por exemplo, não há educação sem saúde e é importante que olhemos desta forma (SE6-4).</p>
	Valorização Social	<p>(...) não temos um bom salário e parece que não temos valor. Por ser, do meu ponto de vista, a mais importante profissão da função pública, gostaria que fosse mais valorizada, principalmente na questão da remuneração e no respeito do professor (SE6-1).</p> <p>As demais profissões da função pública só têm o respaldo positivo devido ao trabalho feito pela docência. Então, a docência tem sempre muita coisa a dar, como base para todo o trabalho na sociedade (SE6-2).</p> <p>Esta profissão tem sido ignorada e negligenciada. Espero que no futuro haja mais professores melhor formados e que o governo olhasse para o bem-estar dos profissionais, que tenham mais regalias. Não sei se isso vira acontecer, mas esperemos que aconteça. (SE5-2).</p> <p>Infelizmente, no nosso, país é uma profissão pouco valorizada e pouco remunerada. É uma espécie de profissão de segundo grau. Que se aposte mais na formação e na valorização dos profissionais da docência (SE5-3).</p> <p>Espero que no futuro seja uma profissão mais valorizada pois, atualmente não é como devia ser. Espero que seja uma profissão respeitada e bem remunerada (SE6-3).</p>
	Desafios	

<p>Apreciação do Regime de Monodocência</p>		<p>É muito desafiante... temos de dar aulas todos os dias... é muito desgastante para nós... (SE6-1).</p> <p>Sempre estive habituado a lecionar na 7ª Classe, I Ciclo do Ensino Secundário, onde apenas lecionava uma disciplina. Lecionar todas as disciplinas do Ensino Primário tem sido um trabalho árduo e também prazeroso. A monodocência na 5ª classe é desafiante... (...) dar muitas aulas no mesmo dia é cansativo para o professor e até para o aluno que tem de suportá-lo (SE5-3).</p> <p>(...) temos de dar aulas todos os dias na mesma turma e, acresce-se o facto de ter de ser o mesmo professor... Essa coisa de trabalhar todos os dias na mesma classe constitui um grande desafio para mim, é complicado e é um pouco chato (SE5-2).</p> <p>Para mim tem sido problema e ao mesmo tempo desafio o exercício que se faz para levar o aluno a superar as suas dificuldades de base. Tenho casos de alunos que não sabem ler nem escrever em condições aqui na 5ª e, levá-los a superar isso é bastante trabalhoso (SE5-2).</p> <p>(...) excesso de carga horária... Quando não se tem bases em determinadas disciplinas, o professor pode afetar a compreensão dos alunos, inclusive naquelas disciplinas em que tem domínio (SE5-3).</p> <p>São muitos os desafios, a começar pela sobrecarga por lecionar todas as disciplinas... (...) são muitas disciplinas e não dominamos todas e são os alunos que saem a perder porque para o professor fez a sua parte... (SE6-1).</p> <p>Um dos grandes desafios é o tipo de regime de lecionação, monodocência, muitas das vezes o professor não percebe todas as disciplinas... (SE6-3).</p> <p>Existem grandes desafios... é um desafio pessoal do professor ele reconhecer que precisa crescer para poder se enquadrar melhor na profissão. A lecionação de todas as disciplinas, por si só, é um grande desafio, implica que temos de aprender mais coisas (SE6-2).</p> <p>(...) um indivíduo pensa muito, pela idade que alguns (alunos) já têm... pensa muito fazer transitar alguém com muitas insuficiências para o I ciclo. Este é o desafio que eu estou a ver aqui... tem alunos aqui que eu... sinceramente, seria um suicídio fazê-los transitar (SE6-2).</p> <p>Alguns alunos, apesar da idade e da classe que frequentam apresentam problemas na escrita e na leitura, mas tudo fazemos para que os mesmos possam aprender, sensibilizando-os para que mostrem interesse. Por exemplo na cadeira de língua portuguesa... um homem só vale na sociedade quando ele sabe ler e escrever, apesar que todos valem como seres humanos... tem maior importância (SE6-4).</p> <p>Em comparação com as outras, esta é uma profissão bastante trabalhosa, requer muita atenção (SE5-1).</p> <p>(...) nem sempre o professor tem o domínio de todas as disciplinas que deve lecionar (SE6-3).</p> <p>Para começar, a carga horária é pesada... (...) lecionar todas as disciplinas... (SE5-2).</p>
	<p>Dificuldades</p>	

		<p>(...) não temos condições necessárias para a realização de um trabalho que nos permita ter o ambiente favorável para uma aula saudável, por exemplo, temos falta de mapas, temos que ter alguns laboratórios para ensaio... então... tudo isso faz com que o aluno saia daqui com uma ideia vaga e não com uma coisa já precisa... e isso tem influenciado, às vezes, na qualidade de alunos que nós temos apresentado (SE6-2).</p> <p>(...) aflige-me o elevado número de alunos nas salas de aulas. Se o professor não conseguir se desdobrar... está mal. (SE5-1).</p> <p>A falta de acompanhamento dos meus alunos por parte dos encarregados de educação, a carência de materiais de apoio didático (SE5-1).</p> <p>Um dos grandes problemas prende-se com a falta de noção da vida por parte de alguns alunos que, muitas das vezes tem resultado no desrespeito na sala de aula. Felizmente, tenho sabido contrapor esse tipo de situação (SE6-3).</p> <p>(...) temos muitos alunos nas salas (SE6-1).</p>
	Coadjuvação	<p>Seria proveitoso ter auxílio integral de um professor que domine a disciplina de Educação Manual e Plástica (SE5-1).</p> <p>Gostaria de ter auxílio de um professor formado em Educação Física e de outro formado em Música e não de um dos meus colegas que estão nas mesmas condições que eu (SE6-1).</p> <p>Apesar da complexidade de algumas disciplinas, eu consigo lidar com todas. Em casos muito raros procuro auxílio da coordenadora de determinada disciplina a fim de tirar algumas dúvidas relacionadas com certas matérias... não necessito de auxílio integral de um outro professor (SE5-3).</p>
Desenvolvimento Profissional	Importância da formação inicial	<p>Aprendi metodologias e tive práticas de ensino ao longo da minha formação inicial. Tudo quanto desenvolvo hoje enquanto profissional é graças à formação que tive, portanto, a formação inicial constitui-se na base que orienta a vida profissional de um indivíduo (SE5-2).</p> <p>Deu-me bases suficientes para lidar com disciplinas como a Matemática e a Educação Manual e Plástica, apesar das minhas insuficiências iniciais na questão pedagógica, por isso penso que estou melhor preparado que os meus colegas que frequentaram o Magistério Primário. A área em que nos formamos determina muito o nosso desempenho na função que exercemos (SE6-1).</p> <p>A minha formação inicial, conjugada com a frequência do curso de Sociologia da Educação têm me dado suporte para a preparação exitosa das minhas aulas, daí que tenho tido resultados satisfatórios com os meus alunos. Sou muito rigorosa na apreciação da escrita dos alunos e, a relação professora-aluno tem sido extraordinária no sentido positivo (SE5-1).</p> <p>Da formação inicial recebi as bases que ditaram o meu desempenho atual enquanto professora, portanto, a mesma tem um significado ímpar no meu profissionalismo (SE5-1).</p> <p>Como não se pode ir para o fim sem o princípio, a formação inicial tem servido, até hoje, de base fundamental para a preparação das minhas aulas, devido à quantidade de informação que absorvi da mesma (SE6-4).</p>

		<p>Hoje temos muitos professores sem formação específica. A minha formação inicial, por ser específica, tem ajudado imenso na preparação didática das aulas (SE6-3).</p> <p>Para mim a formação inicial é importante na medida em que me dá bases para o exercício profissional (SE6-3).</p> <p>A formação inicial é importante pois serve-nos de base que dita o nosso desempenho profissional (SE5-3).</p> <p>Do ponto de vista da do domínio das matérias, a formação inicial deu-me bases para melhor preparar as minhas aulas (SE5-3).</p> <p>A formação inicial que tive ajuda-me muito porque a prática pedagógica que fazíamos com professores bastante experientes tem servido de suporte para a preparação das aulas, nomeadamente a elaboração dos planos de aula. É uma experiência que nos ajuda a atuar. (...) nos concede as bases para sermos bons profissionais (SE6-2).</p> <p>A formação inicial é extremamente importante porque é a base para nos firmamos como profissionais (SE6-4).</p>
	<p>Insuficiências/De sadequação da formação inicial</p>	<p>(...) quando nós os profissionais não temos conhecimentos que devemos ter nalgumas disciplinas, vem, então, causar dificuldades naqueles meninos que nós vamos transmitindo a informação e, depois, os professores no I e II ciclos começam a dar culpa aos professores de base. A não aplicação do próprio aluno é porque alguns professores não tiveram aquela possibilidade de aprender como deviam para puder também transmitir, porque na realidade se diz só levanta para ensinar aquele que sentou para aprender (SE6-4).</p> <p>(...) por exemplo, nós temos a Educação Musical, nós temos a Educação Manual e Plástica... nem todos os professores têm domínio completo de todas as disciplinas que eles lecionam... porque há o aprender para mim e o aprender para ensinar, há diferença. Então, quando eu tenho perfeito domínio, consigo buscar os diversos métodos para fazer entender os alunos (SE6-2).</p> <p>Educação Musical, Educação Manual e Plástica e Educação Física. Essas são as disciplinas onde eu tenho ainda alguma dificuldade (SE6-2).</p> <p>A maior parte dos meus colegas, na aula de Educação Física manda os alunos correrem e não se importa com as possíveis limitações físicas dos mesmos. No caso da Matemática... alguns professores não lecionam determinados conteúdos por falta de domínio e os alunos saem prejudicados. (SE6-1).</p> <p>No meu caso particular, por ter uma formação inicial técnica, somente encontro dificuldades a dar aulas de Educação Física (SE6-1).</p> <p>(...) falta de domínio da disciplina de Educação Musical... (...) quando você não tem formação, então, você fica perdida como ensinar essas pessoas que precisam de aprender todas essas disciplinas (SE5-1).</p> <p>(...) sem algum conhecimento na cadeira, fundamentalmente, de Educação Manual e Plástica e de Educação Musical... acredito eu que ao seu formando não poderá dar resposta exata... e poderá dar culpa ao seu aluno, pensando que o aluno</p>

		<p>é que não está a aprender como deveria, no fundo, é preciso procurar nos formar muito bem (SE6-4).</p> <p>Eu, particularmente, tenho insuficiências a Matemática (SE6-3).</p> <p>Como me formei numa área técnica e não num IMNE - Instituto Médio Normal de Educação, (atuais escolas de formação de professores), no princípio enfrentava problemas do tipo pedagógico... (SE6-1).</p> <p>(...) eu não sou formada em Magistério Primário e, no primeiro ano que comecei a lecionar no Ensino Primário tive muitas dificuldades porque a monodocência acarreta todas as disciplinas e eu, apenas, sou formada em uma disciplina de especialização... (SE5-1).</p>
	<p>Importância da formação contínua</p>	<p>A formação contínua é importante porque permite-nos buscar e aprender coisas novas... conseguimos aprender coisas novas e aprimorar o que já sabemos... (SE5-3).</p> <p>Tive a necessidade de frequentar um curso básico de pedagogia a fim de aprender as metodologias de ensino (SE5-3).</p> <p>As formações contínuas são importantes porque nos mantêm atualizados... (...) capacitação do professor para que esteja à altura de lecionar todas as disciplinas, a fim de não prejudicar os alunos (SE6-3).</p> <p>A formação contínua é importante porque faz crescer, visto que as ciências estão em evolução e os métodos também. Permite-nos ainda enquadrar-nos nas transformações profundas que a própria sociedade vai sofrendo para que o professor não fique ultrapassado (SE6-2).</p> <p>Particpei em alguns seminários práticos de como elaborar um plano de aula há já algum tempo (SE6-2).</p> <p>(...) é necessário se prestar muita atenção aos professores do ensino primário, serem capacitados nas diversas áreas, terem seminários de superação... (SE6-2).</p> <p>As formações contínuas ajudam a enriquecer os nossos conhecimentos. À medida que se fazem formações contínuas, os conhecimentos do indivíduo são atualizados... (SE5-2).</p> <p>Eu penso que as formações contínuas são importantes porque permitem o refrescamento dos nossos conhecimentos de base (SE6-1).</p> <p>As formações contínuas são bastante importantes porque capacitam o professor para as melhores práticas de ensino. Por exemplo, os seminários de capacitação têm capacitado os professores para elaboração dos planos de aula, como preencher uma pauta, como fazer avaliação. (SE5-1).</p> <p>Eu como profissional não posso parar porque a tendência é sempre buscar conhecimentos, então, desta feita, é a coisa que eu não paro, cada dia mais devemos aprender... (SE6-4).</p> <p>Particpei em uma série de seminários de capacitação promovidos pela organização juvenil de um partido político. (...) graças aos seminários que fui participando, foram me ajudando a poder dar respostas a essa famosa monodocência... (...) como sabia que seria professor em regime de</p>

		<p>monodocência fui buscar conhecimentos relacionados com a disciplina de Educação Musical (SE6-4).</p> <p>A formação contínua é grande valia para a vida de um especialista e não só, nesta, mas em todas as áreas do saber... ajuda a ter novos horizontes no saber do especialista e terá maior capacidade em dar resposta em qualquer questão que lhe for incumbida na dada altura (SE6-4).</p> <p>Eu particularmente superei a necessidade de ter auxílio de outro professor porque tenho recebido explicações de Matemática, antes disso, era proveitoso ter sim auxílio de outros colegas. Aguento-me nas restantes disciplinas (SE5-2).</p>
	<p>Apoio de Outros Colegas</p>	<p>(...) é importante que o mesmo professor seja humilde, partilhando com os outros as suas inquietações. (...) tenho contado com apoio de outro professor... e tem sido proveitoso (SE6-3).</p> <p>(...) dentro das dinâmicas já da direção da escola, sobretudo a subdireção pedagógica procurasse encontrar meio de haver seminários para que os professores que têm domínio nas cadeiras de educação musical, Educação Manual e Plástica e Educação Física ajudarem os outros professores para permitir que haja um enquadramento correto do professor e com o andar do tempo, entre mais ou menos dois ou três anos, os professores acabam também por dominar essas áreas (SE6-2).</p> <p>(...) não sabia traçar o plano de aula, tinha sempre de pedir ajuda aos colegas e, felizmente a subdiretora pedagógica contribuiu imenso para a superação desse problema, dava-me sempre explicações de como tinha de traçar o plano de aula e de como lidar com os alunos na sala (SE6-1).</p> <p>(...) eu tive de procurar alguns professores aqui dentro da instituição para ver se me explicassem algumas coisinhas que eu não entendesse (SE5-1).</p> <p>Bem, o homem não sabe tudo... carecemos sempre de algum auxílio. Quando assim acontece comigo, há sempre uma unidade ou tema que eu não tenha dominado da melhor forma possível, através da nossa coordenação, dividimos a ideia, e quem domina melhor aquela área partilha comigo ou com outros colegas (SE6-4).</p> <p>Fiz um curso básico de pedagogia para auxiliar na questão da prática pedagógica e complementar o auxílio que recebia dos colegas e da subdiretora pedagógica (SE6-1).</p>